

Witchcraft

BF

1584

I8D31

1783

CORNELL
UNIVERSITY
LIBRARY

Witchcraft

BF

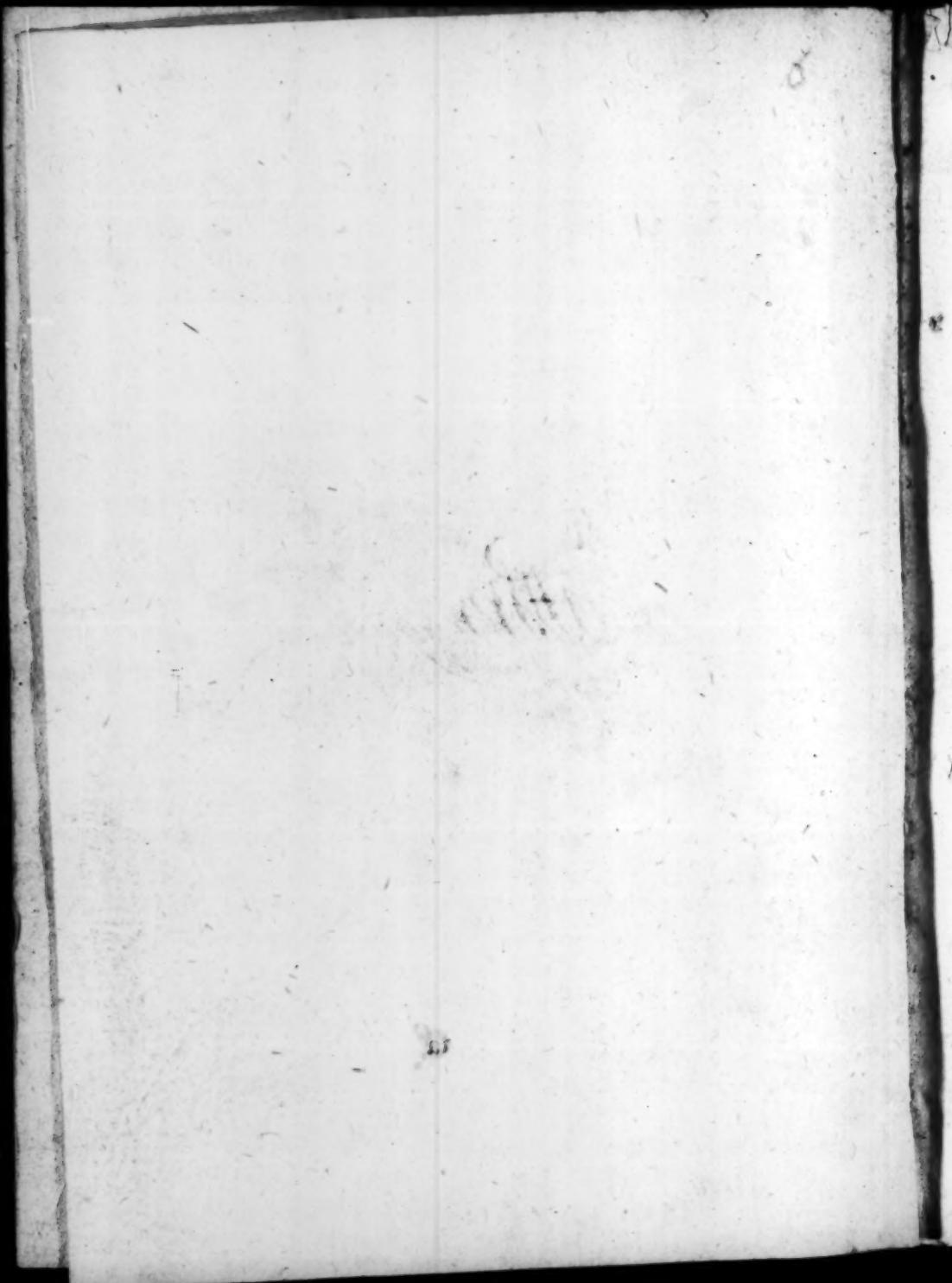
1584

I8D31

1783

CORNELL
UNIVERSITY
LIBRARY

Alvaga



DEFEZA
DE
CECILIA
FARAGO,
ACCUSADA DO CRIME
DE
FEITICERIA:
OBRA UTIL
Para desabafar as pessoas preocupadas
DA ARTE MAGICA,
E seus pertendidos effeitos.

*** *J. J. Farago.*

LISBOA:

Na Officina da Academ: das Sciencias.
M. DCC.LXXXIII.
Com licença da Real Meza Censorina.

1908757
250

PREFAÇAÕ.

R Ecebe o homem a pena
nas começa a ouvir , e
entender , grandes , e infini-
tas preoccupações. As Amas ,
ordinariamente grosseiras , e
supersticiosas , ora entretém
as crianças com a medonha
narraçāo dos Lobishomens , e
das Fantasmas , que appare-
ceram nos escuros lugares ,
[como

[como se receasse o demônio até a luz de huma vela] ora com os extraordinarios , e maravilhosos casos dos Magicos , e das Feiticeiras. Livram-se destes nocivos erros os Sabios , examinando , e pezando com criterio as opiniões de seus primeiros annos. Destes abusos pertendemos salvar os nossos Compatriotas , [que forem menos instruidos , e ainda os conservarem] pelo meio da presente Traducçāo , com a qual lhes facilitamos as doutrinās do

do Original. Passáram os tem-
pos , em que se rendia cega,
e profunda idolatria ás extra-
vantes Disquisições Magi-
cas de Martinho Del-Rio.
As grandes luzes , que actu-
almente illustram a Patria
affortunada , não consentem
que só os Catholicos da Fran-
ça , e da Italia , leiam na lin-
gua materna as verdades do
primeiro , e terceiro capitu-
lo desta Obra. Deve chegar
a todos esta verdade , funda-
da nas santas Escrituras. Bai-
xou dos altos Ceos o *Suspi-
rado*

rado : o Deos de Poder sob-
jugou , e prendeo por mil an-
nos o dragão infernal , e ex-
tinguiu [i] a Magia , e seus
encantos.

S. P.

(1) Mich. cap. 5. v. 11. *Auferam Malefi-
cia de manu tua , & Divinationes non erunt in
te. S. Hieron. Quibus ipse decipiebaris ab aliis ,
vel deceptus alios decipiebas. Isai. cap. 44. v.
25. Irrita faciens signa Divinorum , & Ha-
riculos in furorem vertens. Tertull. adv. Mar-
lib. 4. cap. 25. Quis alius disjicit signa ven-
triloquorum ?*



S. P. Q. R.

ORDIRAM dous
ociosos, e indignos
Ministros do Santua-
rio, huma atrevida,
e impudente calúm-
nia em nossos illuminados dias,
attribuindo, e imputando á viu-
va Cecilia Faragó, da terra de
Soveria, a culpa de ter morto
com malefícios ao Sacerdote D.
Antonio Ferrajolo. Merecem os
inventores do crime a pena, e
exemplar castigo, com que n'ou-
tro tempo costumava punir a Lei
Rhemnia os impostores. Estes fa-

A mosos

mosos homens , que , instigados da cobiça , e já de huma consciencia sem remorsos , maquináram o imaginado delicto , saõ os Conegos D. Domingos Vecchiti , e D. Francisco Biamonte;

A origem da infelicidade da viuva foi o testamento de André Gareri , seu filho , que , seduzido em a ultima hora , instituiu a D. Francisco Biamonte por universal herdeiro fideicomissario dos grandes bens que posseuia ; pondo-lhe a obrigaçao de hum perpétuo legado de Missas , ditas pelos Sacerdotes da sua patria ; e nomeou a D. Domingos Vecchiti por executor da sua vontade . Havia já feito Lourenço Gareri inteira doação de seus bens a André Gareri , seu filho ,

em

em contemplação do Matrimônio ; mas reservára o uso fructo para si , e sua mulher (que he hoje accusada) em quanto vivefsem.

Este testamento , que naõ podia logo transferir os bens aos chamados , e sem se encherem as condições , bastou aos astutos Conegos para despojarem a viúva , naõ só dos bens do marido , mas de quantos lhe pertenciam , ou dotaes , ou adquiridos. Reduzida assim ao estado lastimoso de naõ ter de que viver , se determinou a demandar os Conegos na Audiencia da Província. Sabiam os expertos adversarios , que proseguinto a viúva a causa lhes tiraria das mãos a pingue herança , que usurpárá

A ii a co-

a cobiça , e lançando maõ ardilosa dos enganos resolvêram aruinalla com algum testimonho falso , para impedir , e estorvar o emprendido letigio. Imputáram-lhe (naõ podendo crimina-la com verdade) o crime de feitiçaria , publicando , que ella matára com o poder desta arte ao Sacerdote D. Antonio Ferrajolo , que morreo tisico , e penára enfermo por mais de sinco annos. Deram a entender a Victoria Rossetti , mäi do defunto , que Cecilia Faragó com maleficios lhe matára seu filho , só por ser Sacerdote daquella terra , aos quaes todos ameaçára de matar : e persuadíram-na a naõ sepultar o cadaver. Espalhada a fama do inventado crime , fizeram os Co-negos ,

negos , assistidos dos parentes , encarcerar a innocent viuva com a maior acceleraçāo , sem permissāo do Juiz , sem Rossetti querelar : e em tempo que o Governador das Justiças estava ausente. Obrigáram ao Agente do lugar , e ao Carcereiro a dar as chaves da cadeia , que justamente lhe negavam ; e de propria authoridade naõ só a prendēram , mas a fizeram carregar de ferros ; e aproveitando-se da oportunidade deram saco á casa da infelice.

Sobornada Victoria Rossetti pelos Conegos , começou a fazer em Juizo a figura de querelante a 4 de Fevereiro de 1769. Expos na Audiencia daquella Provincia a ajustada querela contra

tra Cecilia Faragó , e pedio que se tirasse devassa deste delicto. Foram commettidas as diligencias á Justiça de Soveria , sen- do no entretanto tratada a viu- va na prizaõ daquella terra com barbara Africana tyrannia : em fim foi passado ao carcere da Audiencia , depois de longuissima dis- cussaõ no Foro do lugar , e no de Rossetti.

Apresentada a devassa na Au- diencia ; devassa , que provocava enjôo pela sua desordem , e ou- vida a deposiçaõ do Doutor Fy- sico D. Ignacio Larussa , se com- metteo nova informaçao ao Es- crivaõ Tabelliam José Orla , e se pôz a viuva em custodia. Apenas Orla tinha dado princí- pio a este negocio , quando Ros- setti

setti instou que se fiasse o desempenho desta diligencia a hum dos Regios Ministros daquelle Tribunal ; e com effeito alcançou que o Ouvidor D. Raymundo de Elia , Commissario da causa , executasse quanto se decretára ; e como se queixavam , a querelante dos maleficios que matáram seu filho , e a accusada de calúmnia que ordíram Rossetti , e os Conegos , se ordenou informaçao sobre a verdade dos factos .

Eis-aqui, pois , quanto se quer estabelecer pela devassa do Ouvidor : Principia-se pela morte de André Gareri , succedida em o anno de 1766 , o qual reduzio toda a sua fazenda a hum legado de Missas em beneficio do

do Clero de Soveria: pertende-se que Cecilia Faragó se estimulará gravemente da justa disposição de seu filho, e demandará sem razaõ o Clero; mas que opondo-se ás suas pertenções, em nome dos Sacerdotes, os piedosos Conegos D. Domingos Antonio Vecchiti, e D. Francisco Biamonte; D. Sebastião, e D. Antonio Ferrajolo, a viúva os amaldiçoára, e ameaçára com a morte por malefício; e que com efeito executára a ameaça em o mez de Setembro de 1768, fazendo compor huns pós com feitiços por certa mulherinha Catanzarese, chamada Anna Scarcello, e fazendo-os lançar sobre Ferrajolo por Laura Fratto, sua sobrinha. Além disto se affirma,

ma , que na manhã de hum Sabado , que se naõ sabe qual fosse , em quanto D. Antonio cantava ao orgão da Cathedral , Cecilia Faragó , que estava em acto de quem rezava ao Altar , lhe lançára huns olhos taõ malignos , que de repente lhe enrouquecerá a voz ; e que dahi em diante se observára emmagrecer o Padre de dia em dia , e ir empeorando de forte , que acabára a vida em o mez de Fevereiro do anno passado . Affirma-se , que no mesmo dia , em que morreo Ferrajolo , fora a viuva á Cidade de Catanzaro para que Sarcello desfizesse os feitiços ; e que mostrando-se a feiticeira repugnante , cedéra , em fim , por regalo de cem ducados que lhe offereceo

ceo Armenio Anselmo , homem de bem , que acompanhava a viuva naquella jornada ; prometendo ir a Soveria obrar maravilhas da sua arte , e restituir a Ferrajolo a saude , que lhe naõ puderaõ dar douz Medicos. Morreu , em fim , como disse , no mesmo dia o enfermo Ferrajolo : foi presa a viuva ; e está já formado hum volumoso processo em prova da realidade do maleficio commettido.

Esta famosa , e pequena novella que tenho exposto com a mesma ordem , com que os Conegos , naõ o Fisco , a tramaram , e ordíram , e com que pertendem sumir a viuva , naõ só foi motivo de grande riso nos Ministros da Audiencia ; mas exercitou

citou generosa indignação em o
animo do piedoso Advogado do
Regio Fisco D. Antonio Bran-
cia , que ha seis annos sustenta
com exactidaõ , e desempenho
hum cargo taõ delicado , e go-
za em paz do applauso univer-
sal ; naõ soffrendo ver tentada
por pesssoas addictas ao Altar hu-
ma taõ negra calúmnia ; e con-
cebendo aquelle horror devido
ás oppressões buscadas pelas
mãos da Justiça : mostrou este
grande Jurista com elegancia , e
vehemencia , que se naõ devia
proceder pela devassa tirada ;
mas que se devia tirar outra dos
que de propria authoridade pren-
dêram a viuva ; e com effeito
se decretou na Audiencia qua-
si conforme ao seu requerimen-

to

to (1). Desta determinaçāo ag-
gravou a querelante para o su-
perior Tribunal ; aonde se deve
tratar hoje esta causa em grāo
de appellaçāo. Esperaõ os Co-
negos , patrocinados de hum
grande Advogado , que serve a
causa , e se explica contra os
seus nobres sentimentos , causar
neste superior Tribunal á viuva
os damnos , e calamidades , que
no Tribunal da Audiencia , com
grande dispêndio , lhe procurá-
ram ; mas em vaõ. Devendo de-
fender a viuva inocente , e op-
primi-

(1) Eis-aqui as palavras do Decreto da Audiencia ; *Die 23. mensis Augusti 1769. Proposita informatione per D. R. O. & Auditorem, visa instantia Regii Fisci , ipsoque Audito , non procedatur , & cassetur consignatio & pro executione Regalis Rescripti fiat relatio suae Majestati , & intimetur.*

primida das escandalosas impof-
turas , que lhe suggerio a avare-
za , dividirei o meu Discurso em
tres capitulos. Mostrarei no pri-
meiro a natureza , e indole da
Magia , e farei ver que todos
os seus effeitos , que tanto se
contam , saõ insulfas loucuras de
fanaticas mulherinhas ; e que naõ
obráram bem os Magistrados em
punir com o delicto huma triste
queixa do cérebro. Em o segun-
do demonstrarei com as leis da
Arte , e com o mesmo Processo ,
que o Sacerdote morreo como
acabam os tificos , tendo as cir-
cunstancias que concorrem nesta
natural enfermidade : neste mes-
mo capitulo mostrarei a grande
impericia dos Medicos , cujas
disposições se lem nos Autos ; e
prova-

provarei que as leis dispõe que severamente se castiguem. Procurarei pôr em claro no terceiro capitulo qual seja o espirito das leis , que punem aos feiticeiros , e quaõ injuriosas as impias mentiras de que abunda o Processo ; e finalmente , que valor tenham os indicios que se uniram para fundamentar hum crime imaginado , e fabuloso.

C A P I T U L O I.

*No qual se mostra naõ haver
Arte Magica.*

EM o nobre assumpto deste primeiro capitulo se me offerece amplo , e dilatado theatro de Divinas , e Humanas Letras ;

tras ; mas naõ esperem de meus pobres talentos aquella exacçaõ, que pede materia taõ delicada ; porque ainda que em mim houvessem as precisas forças , mo naõ permitte o breve termo de poucos dias que se me deo , e foi prescripto á causa. Por estes motivos espero , que as duras circunstancias em que me acho , me façaõ digno , naõ de perdaõ , mas de piedade.

Teve origem na ignorancia , e na fantasia quanto se tem criado em o decurso dos seculos sobre os prodigios da Magia , e do poder daquelles , que hoje com voz Latina chamamos *Magos* , e *Magicos*. Foram os seculos nos quaes maior reputaçao tiveraõ os Magicos , e as suas
estu-

estupendas obras , aquelles em que menos se souberam as Artes , e Sciencias , e em que menos cultos foram os Povos. As Nações que mais abundáram , e ainda hoje abundam de Feiticeiros , e Feiticeiras , saõ aquellas , cujo clima he menos temperado , e aonde se vive com a pia , e dura meninge mais sujeita á vehemente impressão do ar. O vulgo , aonde a ignorancia tem o seu throno sobre fundamentos eternos , foi sempre o pai de quanto se imaginou sobre Magicos , Bruxas , Spectros , Sombras nocturnas. Os Poetas , criadores das fabulas , homens , cujas fibras do cerebro estaõ demasiadamente esquentadas , e sonham vigiando , foram os invento-

ventores de quantas imaginadas, e loucas Deidades adoráram os Antigos. Bebendo os homens os prejuizos com o leite, muitas vezes por culpa de ineptas, e grosseiras amas, e imprimindo-se-lhes estes no sentido comum, estabelecêram com o tempo mil estranhas opiniões. Quanto em summa se tem falsamente crido sobre feiticerias teve origem, ou na ociosidade de animos ignorantes, ou na enfermidade do cerebro.

He verdade que naõ faltam Authores que sustentáram ser a Magia huma produçao da Politica; e deste parecer se declararam os Inglezes Escritores da Historia Universal (1), em a
B qual

(1) Historia Universal, volume 1, parte

qual escreveram que fora esta Arte introduzida por astutos , e poderosos Principes , que permitiram em seus Estados grande numero destes vís subditos , chamados Magicos , Encantadores , e Astrologos , os quaes recebiam instruções dos Primeiros do Governo em os negocios de Estado , e depois com summo ardil as communicavam aos que continuamente os cercavam. Deixo de averiguar os mysterios desta profunda reflexão , e passo a mostrar claramente , que a ignorancia he quem gera os imaginados desvaríos de feiticerias , o que se vê com clareza pelos effeitos contrarios, que produziram as Scienças. Examinarei primeiro que caso

caso fizeram da Magia os que por seu saber foram famosos na Antiguidade.

Nos Gregos Escritores , por quem devo começar , o mesmo vocabulo que quer dizer *encantos* (1) , significa tambem *impostura*. Querendo Vopisco (2) dar huma idéa da estimaçāo , que na Grecia teve a Magia , faz dizer a Apollonio , que a força da Arte Magica consiste no engano , e na loucura dos enganados ; mas que he verdadeiramente Artc , porque dá lucro aos que nella se fingem doutos. Assim estimáram os Filosofos a nossa Magia.

Plutarco , Author de immortal merecimento , escreveo a vi-
B 2 da

(1) É *Manganeia* (2) *Vopisc.* in Aut.

da de setenta Filosofos. Laercio nos deo a vida , as obras , e os systemas , naõ de setenta , mas de quantos foram célebres. Antes deste , Sexto Empirico , e Eunapio escrevêram sobre as vagas opiniões , e doutrinas de naõ poucos Sabios ; e conservamos hoje os seus Opusculos. De todos estes se naõ acha hum fó , que nos diga ter havido Filosofo , que ou cuidasse em Magia , ou désse credito as vãs , e ociosas cantilenas desta Arte.

Plataõ , hum dos mais illuminados , de quem tanto se desvanece a mesma Grecia , fallando contra os Sofistas , põe os Magicos em o número dos Charlatães , e Chocarreiros (i) , e no

(i) Chama-lhe *Thaumatopoioi*, termo , que

no Livro das Leis (1) censura o costume dos que persuadem que fallam com os mortos, e que fazem encantos; os quaes enganos se naõ podem destruir com facilidade: e muito se enganam os que materialmente ouvem, ou lem o que elle diz em os seus Dialogos dos demonios assistentes, entre os quaes metteo o favoravel Genio de Socrates, seu Mestre. Este admiravel Filosofo escondia debaixo de mysteriosas sentenças os thesouros da sua sabedoria; de sorte, que se estabeleceo em hum lugar (2) deverem-se curar os animos com a virtude dos encantos,
expli-

convém aos Charlatães, e aos Magicos.

(1) Tom. 2. pag. 598. (2) Apoll. Socr. t. 2. p. 155.

explica em outro q̄ os bons discursos saõ aonde se forma , e pule o animo (1). Aristoteles , que escrevo para gente de nobre entendimento , naõ podia fallar das indignas frioleiras da plebe : calando as vilipendiou. Todos os Peripateticos , que foram innumeraveis , concordáram com elle. Foram ignotos os arcanos da Arte Magica a Democrito , Epicuro , e Pythagoras ; nem os seus systemas davam lugar a tal crença. Naõ houve , em fim , naquella culta Naçaõ hum só Filosofo , que ou fosse entendido na Magia , ou rendesse vassallagem ás ridículas bugiaris , com que as velhas do seu tempo charlataneavam,

Naõ

(1) Ibidem.

Naõ ha Historiador Grego , que memoria faça das maravilhas da Magia acontecidas na Grecia , nem de coufa alguma que se lhe possa attribuir. Que coufa mais admiravel , e digna do que esta se poderia transmitir á posteridade ? Nem a diligencia exacta com que escreveram nos dá motivo para julgar que o occultáram. Lemos em Herodoto , que he o seu Historiador mais antigo , que na Persia eram chamados Magos os que professavaõ interpretar os sonhos (1), predizer as venturas , e fazer vaticinios ; mas por varios successos , que delles nos refere este claro Escritor , sabemos que foram impostores , e taõ perniciosos

(1) Herod. l. 1. c. 107.

ciosos ao Estado , que até tentáram usurpar os poderes Reaes , e fizeram coufas taes , que os Persas excitados fizeram nelles universal carnagem , que depois se chamou Magicidio (1).

Prova Herodoto quam fallazes eram os seus prognosticos com a grande perda de Xerxes , succedida na Grecia , sendo causa hum sonho , sobre que lhe predisseram plena victoria. Xenophonte só conhece por Magos aquelles homens religiosos , que no reinado de Cyro estavam determinados para cantar hymnos aos Deoses , e fazer diariamente sacrificios a Vesta , e a Jove (2); e o grave Thucidides naõ tem huma só palavra em todos os

(1) Herod. I, 3, c. 61. (2) Xenophont. I, 8.

os seus livros ácerca dos Magos. Escreve Diodoro os prognosticos , e oraculos dos tempos fabulosos , mas quaes se contavam ; porém naõ faz mençāo de prodigios de Magia de seu tempo. Polybio , que entre os Historiadores merece as primeiras honras , ria-se dos Magos , e das suas loucuras ; e o credulo Dionysio de Halicarnasso , que affirmaya darem-se (ainda que as naõ vio) apparições , e portentos , os julgou effeitos da Providencia , mas naõ da Magia , porque a naõ conheceo.

Naõ he para desprezar entre os Gregos o parecer de Strabaõ , o qual estimaya ser a Magia hum bello sujeito de elegantes comedias , mas naõ das nossas consider-

siderações , e cuidados (1) e querendo no livro decimo definir os entusiasmos , diz , que saõ companheiros da charlataneria . Luciano , varaõ de nobres talentos , e que escreve com elegancia , e amenidade , teve por patranhas plebêas as palavras dos encantos , os octagonos , os aneis encantados , com que se resuscitavam os mortos maridos , se transformavam os homens em feras , se curavam as mordedoras das viboras , se tiravam as almas do inferno , e se obravam iguaes maravilhas : de tudo zombou , escrevendo neste assumpto muitas obras , com que divertio , e moveo o riso dos seus Leitores .

Hippocrates , Author de singular ,

(1) Strab. liv. 1. pag. 85.

gular , e grande sciencia , numera a Magia entre os engenhos artificios da plebe , da qual se ostentavam sabios alguns do seu tempo , vendendo , e espalhando saber curar a gota coral , que por isso chamáram mal sacro , e divino (1) ; e mostra , que tudo quanto faziam estes taes , eram só simplices ficções para enganar os nescios , os fatuos , e os simplices. Galeno , Commentador das Obras de Hippocrates , persuadido de que os encantos saõ loucuras , julgou coufa indigna escrever sobre esta materia huma só palavra ; e Jeronymo Tartarotti (2) se engana crendo que este espirito sublime ,

(1) Hipp. de Morbo Sacro. (2) Tartarotti. Apolog. p. 44.

me , em hum lugar das suas Obras , approvára os maleficios , o qual lugar o Author da *Arte Magica Anniquilada* mostrou com summo criterio , ser apochryfo.

Taes foram as opiniões dos melhores Engenhos desta Naçaõ , a mais douta , e a mais polida. Com igual aviso , e prudencia conhecêram os Latinos as imposturas dos Magicos , naõ dando fé ás suas loucuras , como nos consta de Plutarco , que escreveo a vida de naõ poucos illustres Romanos. Cicero , que pela vastidaõ de sciencia , raros dotes , e qualidades de seu espirito , merece a coroa entre todos , com que desprezo naõ detestou as loucas extravagancias dos Poetas , que fabuláram torpes

pes Deidades , perdidas em monstruosos appetites , e maldades ? Com que vilipendios naõ tratou as fatuidades dos Egypcios , os prodigios dos Magicos , e todas as indecorosas opiniões , que segue o vulgo inconstante , e supersticioso (1) ?

Este grande homem naõ perde occasião , em que desacredite a Astrologia dos Caldeos , a Meteoronomia dos Etruscos , as predicções das Feiticeiras , e os Aruspices de todos os Poyos. Horacio , o maior Filosofo dos grandes Poetas , naõ so collocou

a Ma-

(1) Eis-aqui as suas palavras ; *Cum Poetarum autem errore conjungere licet portenta Magorum , Aegyptiorumque in eodem genere dementiam , tum etiam vulgi opiniones , quae in maxima inconstancia veritatis ignoratione versantur.* Cicer. de Nat. Deor. lib. I.

a Magia em o número dos ridiculos , e insultos despropositos ; mas foi de parecer que o varaõ fabio , e de bem , devia ter o animo livre do prejuizo , e de maneira que se pudesse rir das maravilhas dos Magicos , das Bruxas , dos nocturnos Lemures , dos prodigios Theffalicos , e de toda a Magia (1) Tito Livio , Historiador igual á gravidade Romana , faz muitas vezes mençaõ de Aruspices , e de prodigios , os quaes , fendo annun-

(1) Naõ se pôde desejar Poesia mais clara , na qual exprime Horacio o conceito , que fazia dos Magos . Falla a hum seu amigo :

Non es avarus : abi. Quid ? cactra jam simul isto

Cum vitio fugere ? caret tibi peccus inani Ambitione ? caret mortis formidine , & ira ? Somnia , terrores magicos , miracula , sagas , Nocturnos Lemures , portentaque Theffala ride ?

annunciados se registavam em os Annaes; porém nunca falla, ainda que era Espectador, de magicos encantos. Cesar, que nasceo, e foi criado para Senhor do Universo, alma verdadeiramente heróica, vilipendiou sobre maneira as ridiculas loucuras das Feiticeiras, e nem as quiz ouvir. Escreveo Cornelio Nepote as vidas de tantos Varroens illustres, e nunca faz memoria dos Magicos. Cornelio Tacito, Mestre da Politica, mostra em seus Annaes a simplicidade dos que correm atraç da vã gloria dos Caldeos, e arcanos dos Magicos; e se conta os maleficios obrados contra Germânico, e os humanos membros desenterrados, que sobre a terra appare-

appareceram , adverte Lipsio , que Tacito os descreve como factos , de que só o vulgo se persuadia (1).

Suetonio esteve tão longe de crer na Magia , que chama neficio a Nero ; porque recorreu a Magicos para effeituar alguns de seus desejos. De proposito contam Valerio Maximo , e Julio Obsequente os milagres dos Antigos , que hoje no Christianismo se detestam por falsos ; porém não se lê em seus Escritos memoria alguma das ridicularias da Magia. Descreve Ammiano a Delfica cortina , e o annel , que dava as respostas em verso heróico (2) ; mas quem entende as

graças

(1) Lips. ad Ann. lib. 2. (2) Ammian. l. 29. c. 1.

graças Latinas percebe logo que elle com arte zombava da cortina , e das mais populares crenças. O celebre Plinio he hum dos maiores inimigos , que tem tido a Magia. Escarnece em toda a sua Obra os oraculos , e os encantos : chama aos Magicos , astuciosos , e velhacos em occultar enganos ; descarados , e sem vergonha em maquinar (1) ; solícitos em vender aos simples , com o auxilio da Religiao , e da Arte Medica ; ridicularias por fortilegios. Seneca , que entre os Gentios foi raro exemplo de virtuosos costumes , e quasi semelhantes á exacta Moral do Redemptor , nas suas Questões Naturaes mostra que os Magicos en-

C cantos .

(1) Plin. Apolog. l. 3. c. 9. e 10.

cantos alcançaram crença em os seculos ignorantes , mas naõ quando floreceram Filosofos (1); e de quanto escreve neste lugar este grande Author me servirei com justo motivo em o Capitulo terceiro. Que mais he preciso dizer ? Sparciano , Sallustio , Floro , Aulo Hircio , e outros de igual celebridade , naõ conhecêram Arte Magica ; e todos os Medicos , excepto Marcello , que foi hum fanatico (2), souberam , e julgáram pelos damnos , ou vantagens dos solidos , e fluidos , a ordem da Natureza , e nunca a Arte de maleficios.

Estas foram as opiniões dos

V. *verses*

(1) Senec. Quaest. Nat. l. 4. c. 7. (2) *verses*
ensinou que se o doente de esquinencia dissesse , movendo a maõ , *crisí* , *craſí* , *sincraſí* , fararia . Naõ se pôde pensar peor .

Varões illustres, de que tanto se
préza a Antiguidade. Teve a
Magia credito naquelles tempos,
mas foi na gente do povo : os
seus sequazes eram pessoas idio-
tas, porque o corpo dos Litter-
ratos a desconheceo, e despre-
zou. A ignorancia he quem faz
mysteriosos os arcanos dos Ario-
los, e quem cria, e nutre a Arte
Magica. Della nasceo o que
lemos dos tempos barbaros, nos
quaes jazeo infsepulto por mui-
tos dias o cadaver de Silvestre
II, por se achar na sua camara
hum livro de Mathematica, cheio
de figuras, que entao se julgou
de Nigromancia : taõ cheio de
treves era aquelle seculo, em que
se morreo (1)! Sabemos de
C ii hum

(1) Pagi in vita Silvest. II. & Natal'

hum erudito Escritor (1), que Francisco Petrarca fora accusado ao Papa Innocencio VII, por hum Canonista, do crime de Magia, por ler Virgilio, reputado naquelles tempos Magico detestavel. Achamos que Porta, porque sabia alguns segredos naturaes, fora accusado de Feiticeiro (2). Refere Monsenhor Davanzati, Arcebispo de Trani (3) que no anno de 1690 fora preso em Florença, pela Inquisição da mesma Cidade, o Marquez Scotti, por fazer ver ao povo algumas maravilhas, como quem

Alex. t. 6. Hist. Eccl. cap. 1. art. 26.

(1) Gian Rinaldo Carli nella lettera al Tartarotti. (2) *Qui me immemorate lancinantes, putantes me Magum veneficum esse.* Porta in Proemio Mag. Natur. (3) Davanzati nella Dissertazion de Vampirj.

quem conhecia as occultas bellezas da Natureza ; e o Marquez Maffei (1) relata , que elle , e Seguier foram tidos , e presos por Magicos em Verona , porque nas pubblicas experiencias , pela virtude electrica , accendêram huma vela , encostando-a na agua fria , cousa que ainda se não tinha visto , nem ouvido . Assim succede sempre , quando se mostram ao vulgo segredos , e verdades occultas .

Foi reputada Magia a Profissão das Mathematicas em os seculos incultos ; e no Código ha hum titulo , em que se dá providencia sobre o castigo dos Mathematicos . Refere Naudé na sua Apologia dos Homens illustres

(1) Maffei nell' Arte Magic. Dileg. §. 4.

stres suspeitos da Magia , que antes de Fernando Rei de Castella , corria 'a voz de se ensinar a Magia Benefica em Selamanca , nas escolas de Matematica que alli floreciam. No tempo dos Longobardos (quando em Italia reinava a ignorancia) era taõ grande a crença de Feitiçaria ; que o vulgo matava por suas mesmas maõs as mulheres suspeitas deste crime. Daqui nasceo que Rotaro , Principe , a quem o Author da Historia Civil (1) tece mil encomios , e que foi o primeiro que deo Leis escritas áquelle povo , providenciou como devia sobre a vida destas infelices. Na Germania ,
antes

(1) Pietro Giann. Ist. Civil. del Regno di Nap. lib. 4. cap. 6.

antes que fosse illuminada pela grande obra de Christiano Thomasio , bastava ter huma mulher os olhos avermelhados para ser castigada severamente como Feiticeira.

Que confusaõ naõ devem causar nos animos ignorantes as maravilhas da Natureza , cujas causas saõ occultas , portentosos os effeitos , infinitos , e inacessiveis os caminhos , pelos quaes parece que se obram cousas desproporcionadas ás suas forças ? Que ha de ser , se até os Sabios , ou naõ conhecem os seus profundos mysterios , ou se fundam em debeis conjecturas para se representarem seus interpretes ? E com effeito , que admirações naõ caufáram os grandes portentos da pedra

pedra iman ao Santo Padre Agostinho (1), enchendo-o de horror, e espanto? Que estranheza naõ causou a Caio Calígula o ver, pouco distante da praia Romana, o seu capacete detido por hum pequeno peixe, chamado *Rémora* (2); no qual ha tanta virtude, que basta unir-se a hum navio, para lhe suspender o curso, por veloz que navegue, enfundadas as velas (3)?

A quem naõ parecerá desordem da Natureza ver as borboletas nascidas de certos bichos, que roem o grão, viverem, e produzirem sem cabeças, como
as

(1) S. Aug. de Civit. Dei, lib. 21. c. 4.

(2) Tillemont na vid. de Calig. art. 19.

(3) Referem a virtude deste peixinho Arist. Hist. Anim. l. 2. c. 14. Hoffm. na parávra *Rémora*; e outros.

as vio Garmanno (1)? Refusci-tarem as viboras affogadas , e suspen-sas por tres dias , só com as pôr no gesso? Renascerem os braços aos caranguejos , e lago-
stas , como vio Roberto Boile (2)? Virem a ser todos os pe-
daços do polypo partido intei-
ros polypos , como entre outros Naturalistas o observou miuda-
mente Arrigo Bekero (3)?

Deleitando-se observam , e averiguam os Entendidos , gran-
des milagres da Natureza , des-
cobrindo diariamente milhares de maravilhas. Viam-se espe-cia-
lmente em Inglaterra , e por ho-
mens não preoccupados , nem
fana-

(1) Garmanus de mirac. mortuor. lib. 2.

(2) Boile de util. Philos. Nat. part. 2. c. 1.

(3) Beker. na Hist. Nat. do Polypo.

fanaticos , torvos aspectos de mortos ; e com segurança se julgava que se levantavam dos sepulcros , e que eram deputados para encher de medo , e afflicçao áquelleas , a quem appareciam ; mas o douto Bacon de Verulamio , a que alguns perseguidos recorreram , os pôz a salvo deste horror , mostrando com o exemplo da *Palingenesia* (1) ser isto naturalissimo effeito da virtude ,
que

(1) Palingenesia , isto he , nova vida , foram seus Inventores os Ingлезes , os quaes tem feito a experiençia sobre as plantas , e passaros ; e esperamos , que a sua Academia Real a faça tainbem nos homens . Eis-aqui como fazem esta operaçao , segundo a descreve hum Anonymo Francez , cujas palavras refere Constantino Grimaldi na Dissertacão sobre as tres Magias . Tomam , por exemplo , huma flor , queimam-na , e depois lhe ajuntam as cinzas , de que tiram o sal por meio da

que tem as partes seminaes para se reunirem na mesma situaçao , que antes de separadas tiveram pela Natureza. Pegou este grande Homem de huma bengala , e ferindo a sombra a destruio ; e mandando depois cavrar o terreno perpendicularmente , se achou a ossada de hum cadaver , conforme tinha predito o egregio Filosofo. Sabia Bacon a virtude dos atomos seminaes ,

da calcinaçao. Mettem este sal dentro de huma garrafa de vidro , aonde lhe misturam certa composição capaz de o pôr em movimento. Desta materia , agitada do calor , se levanta a apparencia de hum tronco com ramos , e flor , que renasceo de suas cinzas. Apenas cessou o calor , desapparece o espectaculo , e a materia se desfaz , cahe no fundo , e se reduz ao seu cahos. Tornando o calor resuscita esta nova Feniz vegetavel , escondida nas cinzas : mas assim como o calor lhe dá vida , a sua falta a mata , e a acaba .

naes , de que naõ duvidam hoje os Peritos , e de maneira , que na Cidade de Altamura , hum meu amigo fez a experientia com hum ramo de alecrim , que pôz no fogo em tempo de Inverno , e fechando a janella só com a vidraça , achou na manhã seguinte impresso no vidro o alecrim com seus ramos , e folhas , que a virtude das particulas seminaes unio , e o grande frio congelou no vidro .

Esta he a causa , porque nos lugares , em que houve grandes batalhas , e carnagem de numerosos Soldados , e nos cemiterios , aonde entre a immundicia se confunde multidaõ de cadaveres , se viram muitas vezes pallidas fantasmas , que sendo exhalas-

exhalacões de halitos venenosos, que os corpos corruptos de si lançavam , fizeram nas pessoas, que amedrontadas as viram tristes , e lamentaveis damnos, como sabemos de Conrado .Gesnero (1), e outros Authores de grande nota. A gente que por infelicidade vive nas espeſſas trevas da ignorancia , até desconhecem os termos da Historia Natural , e da Fysica. Tudo quanto obra a Providencia fóra daquelles limites ,

(1) Saõ estas as suas palavras : *Hujusmodi legimus noctu in variis locis interdum apparere, praesertim vero circa Templ a , & coemeteria, ubi ex defunctorum corporibus multi , pingue que halitus prodeunt , quos vulgus conspectos reformidat, daemones quosdam , vel manes existimans , idque eo magis , quod afflatus ex eis saepe sint noxii , sed noxiam in halitus hujusmodi putrefacti naturam rejicere convenit , quam timor etiam auget.* Gesnerus de rarib. herbis Lunariis part. 12.

mites ; que os nescios lhe pres-
crevêram no amplo reino da Na-
tureza , julgam Magia , Fan-
tasma , e Milagres.

Chegam a isto as extra-
gancias da ignorancia. Ha huma
planta chamada milfurada , (*Hy-
pericon perforata*) que os Bota-
nicos dizem ser deterativa , e diu-
réтика ; e que a tintura das suas
flores em o espirito de vinho he o
melhor remedio para a melanco-
lia , e loucura (1). Os obse-
fos , que quasi sempre saõ agi-
tados de humores hypocondria-
cos , e maniacos , recebem desta
planta grandes allivios ; mas o
povo , que naõ sabe estes myste-
rios ; a crê supersticiosa , e ini-
miga

(1) Lea-se Gerardo no Tratado da Bota-
nica , e Turnefort na Historia das Plantas.

miga dos malignos espiritos ; e por isso lhe chamáram *Fuga demonum*, *Affugenta demonios*. As flores do til discutem, e saõ cepáticas ; e por esta causa postas de infusaõ em agua , e tomadas por muito tempo , curam a epilepsia , e todas as doenças , em que as convulsões fazem o objecto principal. Os que no tempo dos Gregos lhe naõ conheciam a virtude , a davam , debaixo de enganosas ceremonias , por bebida divina aos que padeciam gota coral , doença que se reputava divina. A verbena he huma planta muito propria para toda a enfermidade , que procede de causas fleumaticas : aproveita nas molestias dos peitos , na gota , nas chagas podres , nas desinten-
rias ,

rias , e tosses inveteradas ; e portant as qualidades lhe chamaram os Antigos *Herva Santa* (*Botané*). Como he cheia de sal volatil , e de licores acres , ensinou (1) a experienzia ser apta para moderar appetites amorofos. Lançáram mão disto os velhacos , e embusteiros , e della compunham os filtros amatorios , que vendiam aos crédulos por feitiços. Nasceo daqui fabular-se tanto sobre esta planta , que , entre muitas frioleiras , se asseverava , que os Magicos faziam felices , ou desgraçados aquelles , a quem a davam , segundo a maneira , com que se tinha colhido , que era com

(1) Com a analyse chimica se lhe tiram licores muito acres , muito sal volatil , copia de oleo , e terra.

com a mão direita , ou esquerda , estando dentro de hum circulo , e antes de ver o Sol , ou Lua.

O azougue , e o arsenico ao pescoço livram do contagio ; de que Valefnieri (1), e outros mostram a razão ; mas os Padres , e Theologos , que naõ soubaram Fysica , reprováram este , e outro qualquer preservativo desta forte como superstição . Chama Origenes aos amuletos *mudos efeitos da illusão do demônio* (2), mas porque ignorava que os seus benignos effluvios , introduzidos pelos vasos bibulos na massa do sangue , davaõ a saude : naõ sabia

D que

(1) Vallish. delle nuova idea del mal contagioso.

(2) Orig. in tract. 3. in Job.

que Democrito (1) tomando o
pão quente por amuleto, lhe
ajudará este a prolongar a vida;
e que Galeno (2) experimentá-
ra, que a raiz da peonêa, liga-
da ao pescoço dos meninos, os
livrava do mal epileptico. Sabe-
mos de Castrodo (3), que a
herva pé de gallo, enrolada nos
pulsos, costuma livrar das febres.
Poderia apontar mil outras se-
melhantes phylacterias, se qui-
zesse dar relaçāo miuda, e com-
pleta.

Prendem-se por Magicos os
que sem prejuizo proprio apa-
nham, e trazem consigo vivas
as

(1) Diog. Laert. lib. 9. de vitis Philosoph.

(2) Gal. de singl. medicam.

(3) Castrod. dell' Ist. Crit. de' segni,
tom. 5. cap. 1. es. 4.

as viboras ; porém Mizaldo (1) ensina ser hum effeito do rabão , com o qual o que esfrega as mãos , pôde manejar seguramente os animaes venenosos. Descobrem Castrodo (2), e Matta (3) os enganos dos que se faziam crer Magicos por apparecerem luminosos no meio das trévas , advertindo-nos ser isto hum effeito do licor de Kunkel , ou do phosphoro luzente , que torna brilhante o que com elle se esfrega. Para deixar mil exemplos , basta lembrar-nos da luz , que , nos altares dos idolos , per si mesma corria de húa lampada accesa para a outra apaga-

D ii da;

(1) Miz. de mirabil. rerum. (2) Castrod. esemp. 9. della citata Ist. Crit. (3) Matta part. 3. c. 11. de Canoniz. Sanctor.

da ; sendo isto , que se julgava virtude diabolica , puro engano dos Sacerdotes gentios. Refere o mencionado Castrodo , que Cornelio Agrippa , e Alberto o grande , nos ensinam proceder este effeito de certas hervas , que tem virtude de attrahir o fogo ; e apontam huma , chama- da *Apoxis*. Mostrou Eusebio na sua Preparaçao Evangelica (l. 4. c. 1.) , que os Oraculos dos Gentios foram enganos dos Sacerdotes ; confessando-o elles mesmos muitas vezes na presença dos Magistrados Romanos ; e Bernardo Fontenella inteiramente o mostra na sua judiciosa *Historia dos Oraculos*.

Houve pessoas que tiveram propriedades extraordinarias , ou para

para prejudicar com seus effluvios malignos, ou para recrear com os benignos , e dar força, e saude. Curava o Rei Pyrrho com o pollegar do pé direito os esplênicos. O Imperador Vespa-siano com a sua saliva , e com o contacto , sarava muitas especies de doenças. Refere outros exemplos o Padre Leonardo Viaro , cujas palavras transcrevo (1) .

Pare-

(1) *Quorundam hominum corporibus partes innatae leguntur, quae mirabiles vires habuerunt; nam Pyrrhus Rex in dextro pede pollicem habuit, cuius tactus lienosis, ut diximus, medebatur, quem cremari cum reliquo corpore non potuisse tradunt. Sampsonem, ut sacrae Litterae perhibent, in capillitio mirabilem virtutem continuisse credimus, qua quibuslibet adversis rebus resistere poterat. In Hispania ab ocularibus testibus audivi, quosdam homines fuisse, qui Salutatores vocabantur, qui salutationibus quoque incredibilia faciebant, etiam canum mortuorum curantes. Hi hodie in Gallia, & Burgundia*

Parece taõ certa producçao
da Arte Magica curarem-se de
longe as feridas , que até he este
hum dos casos , por que pôde pro-
ceder o Santo Officio (1) , sen-
do , porém , a causa huns pós
sympathicos , descritos por Gui-
lherme Digbeo (2) , Chancel-
ler de Inglaterra , por Nicolão
Papi-

*dia esse dicuntur. Quando enim aliquis septem
filios masculos , & inter eos nullam foeminam
suscepit , septimus hanc mirabilem virtutem ha-
bere creditur. Vespasianus quoque a natura do-
natus legitur , ut tactu , & saliva , & quan-
doque sine his , plurimis morborum generibus
mederetur. Odorem practerea ab Alexandro exis-
se legitur , qui omnes mirum in modum delecta-
bat. Rex insuper Galliae haereditariam virtu-
tem per manus traditam habere prohibetur , ut
quoscumque strumis laborantes , atque affectos te-
tigerit , sanos reddere valeat. Vair , de fascin.
lib. 1. cap. 11.*

(1) Pistachius de superst. cap. 21. n. 5.

(2) Digbaeus de orat. pulv. sympathicae.

Papinio (1), Arrigo Mothi (2), Christiano Fromanno (3). Faz tambem este effeito o unguento armentario, de que falla Francisco Bacon (4), e Joaõ Baptista Porta (5). Esfregam-se huns bocados de panno molhados no sanguine do ferido com este unguento, e com os pós, e por effeito das exhalações salutiferas do remedio, que vaõ tocar as feridas, fara o doente.

Deve ler-se o incomparavel Roberto Boile (6), que fez repetidas experiencias para mostrar a força dos effluvios subtís da gomma

(1) Papinius in dissert. de pulv. sympath.

(2) Moth. de pulv. sympath. (3) Fromann. de fascin.

(4) Bacon in Sylv. sylvarum. (5) Porta l. 8. cap. 2. Magiae natur.

(6) Boile de tentamin. Physiol. de experim, quae non succedunt.

gomma de alquitira , do vitriolo , e outras drogas. Refere este Author , que lançando-se os pan- nos , isto he , os bocados do panno , como acima , em o ge- lo , ou chegando-os ao calor , fente o doente , segundo aonde os lançáram , frio , ou calor nas feridas.

Desta maneira , e por esta causa , estando dous instrumen- tos musicos de igual grandeza em huma casa , se se toca a cor- da de hum semelhante á do ou- tro , por si mesmo se move no contrario a corda unisona. Postas tambem duas agulhas de marear em mediocre distancia , se se mo- ver em huma agulha tocada na pedra iman , per si se move a outra no mesmo tempo : já ser-
vio

vio isto para os que se naõ podiam comunicar de perto , comunicarem por este meio as idéas mutuas (1). Antonio Mizaldo (2) nos diz , que a vara de aveleira tem propriedade para descobrir na terra os metaes , inclinando-se toda por sympathia , quando com elles se encontra . Esta he a famosa , e célebre *Varrinha Divinatoria* dos Magicos , taõ conhecida em França , em Inglaterra , e em outras partes ; de cujo uso innocentemente fabiamen-

te

(1) Salmuth. ad Pancirol. de rebus memorab. recens inventis p. 2. t. 11. (2) *Tanta est virgulae ex corylo cum metallicis sympathia , quod si recta per montes , & loca in quibus sunt fodinae , & latent metalla , deferratur , illico flectatur in transitu ; alibi recta stat. Haec apud Georgium Agricolam in libro de fossilibus , & metallicis. Mizaldus lib. 1. mirabilium naturae.*

te nos falla Vallemont , referindo a approvaçao de vinte e cinco Escritores.

Quem naõ sabe o poder , e os Mysterios da Natureza , tudo lhe parece superstição. No conceito destes saõ Magicos os Charlatães, e os Impostores ; saõ Magicos os Mathematicos , e os Filosofos , e todos os q̄ sabem as occultas maravilhas , que a Botanica, ou a Chimica ensina. Saõ para estes superstições os amuletos , fantasmas os halitos dos cadaveres, obras diabolicas as plantas salutiferas , milagres as imposturas dos Sacerdotes Gentios , e Magias todas as producções desconhecidas , ou sejam da Arte , ou da Natureza. A Arte Magica , como tēnho demonstrado , teve o seu nasci-

nascimento na opiniao da gente imperita; criou-se, e cresceo no seio da ignorancia dos povos, nos seculos incultos, e entre as mais barbaras Naçoes: já mais a estimaram os Sabios, que conheceo a Antiguidade, e só por ignorancia crassa tem hoje lugar nas mais ordinarias producções da Natureza.

Mostrada claramente a primeira, vasta origem da Magia, passo á segunda, que comprehende a Fantasia enferma. Definio Jamblico naõ ser a Magia senão huma perturbação do cerebro, e engano da fantasia: *Ea, quæ fascinati imaginamur* (estas são as suas palavras) *praeter imaginamenta nullam habent actionis, & essentiae veritatem.* He na verdade

dade grande , e extraordinario o poder da nossa imaginaçao , e sao tão numerosos os seus estupendos effeitos , que por muito que delles se tenha escrito , ainda naõ temos completa historia do seu poder. Ella he a origem de todas as extravagancias dos mortaes , que sao innumeraveis , e infinitas , e soffre mais ordinariamente perturbaçao , e desordem na idade tenra , quando

La rustica nutrice

*Nell' ore brune al focolar tien
fermi*

*I pargoletti ad ascoltar sue fole
Inspiranti stupor. Magiche note,
Maligni spiriti , grida al letto
intese*

*Anzi 'l morir da chi vedove op-
prese ,* *E l'*

E l' orfano frodò de' suoi diritti.

Narra d' irrequiete anime uscite
Dall' orror della tomba , onde
a' suoi falli

Nascosti in vita alleviare il peso.

Narra di spettri , e di fantasmi erranti

Di buja notte pe' l silenzio tetro,

Narra lo scroscio delle lor catene ,

E come fan degli omicidi al letto

Ondeggiar spesso la Tartarea face.

Quelli sovente arretransi , e l' un l' altro

Guatansi muti , e traggono sospiri ,

Che il ribrezzo interrompe , e la paura (1) As

(1) Ill. Dott. Akenside nei Piaceri dell' Immaginazione.

As Historias de todos os séculos ministram de suas grandes forças innumeraveis exemplos. Querendo fazer memoria de alguns , transcreverei o que hum elegante Author (1) nos conta de Marco Bruto. » Era este valente naõ leviano , ou visionário ; mas de muito juizo , guerreiro , e letrado : achando-se , porém , em Macedonia pensativo , e opprimido com o peso de huma aspera , e sanguinosa guerra contra Octavio , e Octaviano , a quem era inferior em forças ; e revolvendo em huma noite em seu affligido pensamento o duvidoso exito da batalha , e os funestos

(1) Girolam. Tartar. lib. 2. cap. 3. del Congr. Nott.

» stos efeitos , que lhe feriam
» taõ nocivos , e á mesma Pa-
» tria , se lhe figurou ver hum
» desmedido , e horrivel Spe-
» çtro , o qual fendo pergunta-
» do quem era , e a que vinha ,
» lhe respondêra , que era o seu
» Genio infeliz , e que nos cam-
» pos Filippicos o tornaria a
» ver. Desta maneira lhe pre-
» disse a rota , que experimen-
» tou pouco depois , e o gol-
» pe crû , com que elle mesmo
» se matou. Plutarco , que re-
» fere este facto , diz , que ape-
» nas desapparecera a sombra ,
» fendo os servos de Bruto per-
» guntados , depozeram , que
» nada víram , nem ouvíram ; o
» que parece convencer , que
» Bruto sonhava ; porque , ainda
que

» que os servos naõ ouvissem as
 » vozes do Spectro , teriam ou-
 » vido as de Bruto , proferindo-
 » as só por causa da fantasia . A
 » inquietação do seu espirito ,
 » entre mil cuidados , e mole-
 » stos pensamentos , era o mo-
 » tivo , que produzia no sonno
 » taõ tristes , e melancolicas fan-
 » tasmas.

Descreve Horacio (1) hum
 hypocondriaco , o qual se lhe
 accendia taõ viva , e fortemente
 a fantasia , que se lhe represen-
 tava gozar a vista de soberbos
 espeçtaculos , e deliciosos jar-
 dins ; de maneira , que curado
 pelos amigos com o elléboro ,
 depois se lastimava de que o ti-
 nham privado , e affastado de
 hum

(1) Horat. lib. 2. Epist. 2.

hum erro taõ agradavel. Torcato Tasso , Poeta grande , mas de humor melancolico , viveo eroto-maniaço por espaço de quinze annos : diariamente ao nascer da Aurora se lhe apresentava huma figura , com quem fallava , e suavissimamente dis-corria : muitas vezes accometten-do-o a maior força da illusão , naõ vendo , nem ouvindo os seus amigos senão ao mesmo Tasso , se lastimayam , e condoiam dos enganos , a q̄ infelizmente o con-duziaõ os espiritos animaes (1).

São innumeraveis os exemplos desta classe. A imaginação he apta em todos os homens para obrar com igual estranheza , porque assim pede a razaõ do E seu

(1) Giambatista Manso nella vita del Tasso.

seu mecanismo. Esta faculdade faz , que a noſſa mente veja preſente os objectos ausentes ; he quem os augmenta , diminue , combina , e quem tudo repreſenta corporeo , ainda que corpo naõ tenha. Põe - se em actual exercicio por meio do movimento undoſo dos espiritos animaes , o qual o communica nas fibras do ſentido commum , aonde reſidem as idéas como presas . Tu- do quanto faz irregular este mo- vimento , e demaſiadamente elati- cas , e móveis as fibras , per- turba , e desordena a imagina- ção. Deste estado , e disposiçāo se pôde crer a abundante afflu- encia de ſangue na ſubſtancia do cerebro , a qual ſuffoca em al- gumas fibras o movimento , e
em

em outras o augmenta ; e da mesma sorte obra a abundancia do foso , e da materia tenaz , introduzida nos mesmos vasos . Excitadas as idéas por internas causas , cuida , e affirma o homem que o foram , por objectos externos , que n'outro tempo lhe produziram iguaes representações . Daqui nascem as duas principaes especies de delirios , conhecidos pelos Medicos , isto he , loucos , e melancolicos : o primeiro he , quando se delira sobre todas as idéas , e o segundo sobre huma só .

São as mulheres mais visonarias do que os homens , porque tem as fibras do cerebro , e do cerebello mais elásticas , e agitaveis , e por isso mais faceis a

E ii alte-

alterarem-se. Os bebados , e os de febre aguda , ouvem , e vêm o que não existe , por causa da velocidade , que se lhes aumentou no fluido do sentido commum , e de alguns orgãos dos sentidos , aonde se fazem movimentos semelhantes aos produzidos por causas externas. Os epilepticos sentem , por particulares humores que nelles obram , sabores , a que os Medicos dão nome de adiaforos , isto he , que se não podem pôr em classe alguma dos conhecidos. Untam as Feiticeiras a cabeça , e o corpo com certo unguento de huma qualidade muito activa , de cujo composto refere Porta os simplices. O primeiro he o aconito , que he huma planta venenosa ,

nosa, tanto aos homens, como aos animaes, e a quem Dioscorides chama *morte de cães, e de lobos* (1). Segue-se a cicuta, de quem diz Wepter, que he planta apta para excitar convulsões horriveis, e perda de todos os sentidos. Depois o sanguine de morcego, e a argentina (2), a solda, o aipo de lagoa, o acôro, e as folhas de choupo, que por natureza saõ muito calidas. Esfregando-se com este unguento (3) cahem sobmergidas em lethargo as insípidas, e fatuas

(1) *Lycocotonum, e Cynoctonum.* He a herva, que entre nós se chama napello, ou mata lobos. (2) Os Gregos a chamam *Pentaphyllum.* (3) Ha outros unguentos da mesma força, e activade, e Sauvages affirma, (Nosolog. Meth. pag. 629.) que o oleo, que se tira das sementes da datura produz delirios a quem se unta com elle.

tuas Lamias ; e , em quanto ja-
zem , se lhes pintam na fantasia
agitada maravilhosos vôos ; ef-
plendidos banquetes ; indecen-
tes , venéreas danças ; e quan-
to com ardor desejáram em seu
acordo.

Escreveo Jeronymo Tartarot-
ti Roveratano hum longo Dis-
curso , no qual mostrou com jui-
zo , que as *Lamias* dos Gregos
tiveram origem em a *Lilith* dos
Hebreos , de que se contavam
infinitas patranhas , e que a isto
correspondiam as Feiticeiras dos
Latinos ; entre os quaes houve
opiniaõ de que hum passaro ,
chamado *Strix* , voando de noi-
te , chupava o sangue das cri-
anças ; e daqui nasceo attribuir-
se o nome , e o officio deste pas-
saro

faro ás mulheres malvadas , e perniciosas , que por este motivo se chamáram *Striges*. Descrêve depois no mesmo Tratado dos Congressos Nocturnos das Lami-as , a Historia da Feitiçeria , e faz ver que isto he a mesma nocturna sociedade de Diana , que entre os Antigos foi huma quadrilha sonhadora de fanaticas mulheres. Na verdade , todas as que se julgam desta sociedade vivem agitadas de negro humor melancolico , e saõ as que se sustentam de manjares , e bebidas prejudiciaes , de que se lhes gera hum humor crasso , e bilio-so : vivem em ares frios , e grossos , e saõ ordinariamente , e quasi sempre , mulheres ; cujos temperamentos delicados com muita

muita facilidade recebem ; e se
enchem de contos extravagantes , e fantas-ticos , e cedem ao
efeito , que da untura lhes resul-
ta na imaginaçāo.

Firmemente se creo na Sile-
sia , e Moravia , que dos sepul-
cros se levantavam os defuntos ,
que faziam mal aos homens , que
chupavam o sangue das crian-
ças , e que apareciam ás mu-
lheres , e aos parentes , com af-
pectos da morte. Houve quei-
xas aos Magistrados , e nellas se
lamentavam das enormes maldi-
des que commettiam. Quem o
creria ! Desapparecerāram os Vam-
piros , (assim appellidavam a
estes mortos) e mais delles se
naō fallou , depois que os Ma-
gistrados , sabendo , que a cul-

pa destes funebres successos era a fantasia estragada , mandáram desenterrar os accusados Vampiros , decapitallos , e lançallos no fogo. Eram os Vampiros mera producção do temor , e da melancolia , e naõ podiam extinguir-se senão com filosofico reparo (1).

Deo-se nos tempos mais afastados tal credito aos espiritos succubos , e incubos , que até se cria que eram por elles forçadas , e prenhes as mulheres. Desta maneira tiveram occasião naõ poucas donzellas de escusarem , e encobrirem os indecentes desvaríos da mocidade. Hoje se sabe naõ ser o incubo senão huma enfermidade , que ac-
commet-

(1) Tartar. Congr. Nott. lib. 1. cap. 16.

commette os que dormem décostas. No tempo do somno circula (1) o sangue com mais vagar, e pela situaçāo horisontal se ajunta nas entranhas, aonde está a origem dos nervos: comprimidos estes se diminue aquelle fluido, que he em nós o author, e a causa do sentimento, e movimento; e daqui procede continuar a máquina as suas acções com frouxidão. A respiração, que he huma acção, estando debilitada faz que se evacue o sangue dos bofes no coraçāo em pouca quantidade (2). Além disto

(1) Porque o movimento de cada fluido vai pelo canal, segundo as razões das potencias, que os produzem, os quaes na via saõ dous, a acção do coraçāo, e a dos músculos; e no somno, pela relaxação destes, só a do coraçāo. (2) O sangue na inspiração,

dito na situaçāo de costas se apoiam as entranhas vitaes sobre os vasos sanguineos , e até impedem que o sangue saia com liberdade dos bofes para o coração. Nas pessoas de substancia facil , e frouxa , e de vasos brandos , retido assim em abundante quantidade , lhes causa aquelle sentimento de pezo grave , que entaõ soffrem , e padecem ; e movendo-se-lhes com desigualdade as fibras do cerebro pela oppressão , lhes nascem juntamente com idéa dos incubos os sonhos tristes , e hediondos , e as visões horríveis.

Poderia mostrar , que muitas

vezes

çaõ , por causa do ar , sahe dos bofes , e entra pela veia pulmonar no ventriculo esquerdo do coração.

vezes saõ julgadas possessas as mulheres accomettidas de affeçtos hystericos , os quaes lhes daõ forças maravilhosas ; e poderia dizer tambem quanto se excitam estes nas mulheres havendo trato familiar , e quaõ horriveis se façam pelo cheiro do almiscar. Poderia em fim mostrar largamente , tendo por guia a Sal Veneziano (1) e a outros Escritores illustres , que muitas vezes o fallar varias linguas , que se attribue aos energumenos , nasce de enfermidade ; mas eu me alongaria demasiadamente da materia que trato sobre o poder da nossa imaginaçao. Basta para complemento saber-se ,
que

(1) Sal e Rhodes em a Dissertaçao que traz o Padre Bruno tom. 4.

que da fantasia se originaram as metamorphoses , e as outras agradaveis fabulas de homens , animaes , e plantas , que os Poetas inventaram ; e naõ devõ omittir a Circe de Homero , que foi o exemplar da Magica de Theocrito , da célebre Alcina de Ariosto , da Armida de Tasso , e de outras mais. Da fantasia procedem as tristes fantasmas , que se apresentam aos enfermos , as horríveis visões dos freneticos , e dos moribundos , e tudo quanto falsamente ouvem , e sentem os dominados da atra-bîlis , e negro humor. Da imaginação provém as loucuras dos Lemures , ou Duendes , que de noite (segundo fabúlam) fazem estrondos por entre os forros das casas :

fas: della as tristes apparições, que mettem medo aos meninos (1), os entusiasmos, as allu-cinações, e os horrores. Clara-mente, pois, está mostrado, que a causa das Feiticeiras, dos Ma-gicos, das visões diabolicas, e de toda a magica loucura, foi sempre a ignorancia dos povos, e a imaginação perturbada.

Affim devia ser; senão di-gam-me: Que cousa he a Arte Magica? He huma Profissão cri-minosa, que ensina as regras do commercio com os demonios, e que por isso dá poder de obrar prodigios em damno do genero humano. Póde dar-se tal Profissão?

Podem

(1) Dizia S. Jeronymo (Praef. in quaest. Haebri.) *Floccipendo imagines, umbrasque larvarum, quarum natura esse dicitur terrere pavulos, & in angulis garrire tenebrofis.*

Podem os espiritos malignos ter
commercio com os homens, e
depender isto do seu querer?

*Da qual forza fatal, che gli cor-
regge,*

*O da qual patto son legati , e
stretti?*

*E' necessaria, o volontaria leg-
ge,*

*Che sì gli rende altrui servi
soggetti?*

*E' talento, o timor quel che gli
move*

*Tant' opre a far prodigiose , e
nove?*

Podem desfazer, e vencer a lei
da Natureza estes espiritos man-
dados pelos Feiticeiros, e Ario-
los, oppondo-se a quanto dispõe
no Mundo a Providencia com
leis eternas? Tristes de nós se
verda-

verdadeiro fosse este seu poder !
Como se livraria de genios taõ
perversos a misera humanidade ?
Quem poria freio á péssima in-
dole de tantos malvados , que
quereriam ainda com perda sua
professar a Arte de Satanás , só
para perder , e extinguir os vi-
ventes ? Haverá quem responda ,
que podem tudo , com permis-
saõ de Deos . Que tem a per-
missaõ de Deos com a Arte Ma-
gica ? Quem ignora , que pôde
a sua Omnipotencia obrar ma-
ravilhas , até por meio de instru-
mentos taõ fracos , e ineptos ,
como os demonios ? Porém que-
rem que se dê huma Arte , que
por meio de circulos , e linhas ,
ensine a transportar os corpos
pelos ares , a fazer amaveis os
ani-

animaes ferozes , á escurecer o Sol , e as Estrellas , e a tornar as gentes miseraveis , buscando-lhes a tristeza do espirito , e da vida , e dando-lhes até a morte , da maneira mais barbara , que agradar a aos Professores . Pôde dar-se huma Arte assim ? Quem naõ vê que seria dar ao demônio aquelles attributos , que só pertencem ao grande Deos de Jacob ? Como se poderiam distinguir os milagres , que o Omnipotente obra , se o inferno fosse capaz de fazer outros semelhantes , segundo a vontade dos laureados nesta Arte ? Além disto seria indecoroso á bondade do Senhor , o crermos que elle permitta a huma vil Bruxa tirar com circulos , e blasfemias , os

F bens ,

bens, a saude, e a vida. A pura doutrina, que recebemos da santa Religiao, que professamos, nos ministra idéas mais sublimes do primeiro Ser Eterno.

Deve notar-se, que havendo estado presos tantos Magicos, hum só atégora naõ houve, que com os seus encantos se soltasse, e desprendesse das cadeias, ou arrombasse as paredes, que o encarceravam. Sei muito bem, que para illudirem a força deste argumento, excogitáram futeis, e falsas razões, entre as quaes he esta a principal: Que naõ convém á Divina Justiça o permittir, que os públicos Magistrados sejam illusos, e escarnecidos, pelas forças da Arte Magica. Mas como saõ nescios!

Julgam

Julgam ser mais decente ao Altissimo defender a honra dos Magistrados, do que a saude, e vida dos mortaes, cujo damno naõ houye difficultade em se crer permittido aos Feiticeiros.

Estes, que professam o ser Adivinhos, e Feiticeiros, e que por consequencia devem ter poder de desenterrar os escondidos thesouros, dar saude aos enfermos, abater os venturosos, e obrar milagres, saõ homens plebeos, que vivem na maior miseria; e justamente assim he, porque saõ as vãs ostentações de seus prodigios disparates, e pataratas. Se fosse verdade o que os Feiticeiros exageram, quem se atreveria a accusallos, ou fazer-lhes a menor injuria, sem esperar espantos

F ii sos

sos effeitos do seu furor? Quem naõ offereceria metade de seus bens ao que lhe podia usurpar toda a sua fazenda?

Mas eu inutil, e escusadamente me detenho buscando argumentos, com que desfaça a existencia da Arte Magica, quando ella naõ he senaõ mentira, e sonho. Digam-me os que a defendem aonde existe? Quem a ensina? Como se aprende? Que livro a trata? Quaes saõ as regras? Aonde moram os que a sabem? Em que lugar se admiram os seus prodigios? Que Cidade livre da Europa consente que se imprima Obra, aonde se vejam as regras desta Arte? Houve nos tempos gentilicos Reis malvados, que naturalmente curiosos

riosos desejavam saber se havia Lamias , ou Feiticeiras , que fizessem encantos : tinham ouro , tinham authoridade , e commodidade para o apurarem , e conseguirem ; mas hum só se naõ aponta , a quem constasse com provas claras de alguma obra de Feiticeria. Neraõ , como refere o célebre Plinio , foi cheio de desejos de conhecer pela experientia se havia Arte Magica ; e sem consideraõ a gastos , a fadigas , e actos de impiedade para alcançar o seu fim , chamou quantos Magicos contava o vasto Mundo , de que era Senhor , e empregou os mais astutos do seu Imperio , sacrificando até homens : foi , em fim , instruido pelo Rei Tyridates nestes falsos

myste-

mysterios ; mas naõ podendo a quelle poderoso Soberano , depois de tantos cuidados , e suores , descobrir mais do que palavras insignificantes , e enganadoras , se persuadio finalmente , que era pura demencia a Arte Magica.

Se eu quizesse usar , e valerme de quanto ensinam os Canones , miudamente mostraria , que pelo terceiro Concilio de Tours , celebrado no anno de 813 , em tempo de Carlos Magno , se declararam inuteis os encantos (1).

No

(1) He o Canon 42 ; e no Corpo do Di-
seito Canonico se le dese theor ; *Admoneant Sacerdotes fideles populos , ut noverint Magicas Artes incantationesque quibuslibet infirmitatis hominum nihil posse remedii conferre , non animalibus , languentibus , claudicantibusque , yet etiam moribundis quidquam mederi , non ligas*

No famoso Canon *Episcopi*, referido por Burchard, e por Yvo, se chama ás Feiticeiras, e ás nocturnas Choréas, erros, e falsas opiniões (1). Em o Canon *Non observetis* solemnemente se decide ser impiedade dar credito ás mentiras dos Magicos (2). Impõe dez annos de penitencia o Concilio Trullano, celebrado no setimo seculo, aos que creem na Magia (3); e pôde mostrar-

se

ligaturas ossium, vel herbarum cuiquam mortaliuum adhibitas prodeesse.

(1) Innumera multitudo hac falsa opinione decepta, haec vera esse credunt, & credendo a recta fide deviant, & errore Paganorum involvuntur, quum aliquid Divinitatis, aut Numinis extra unum Deum arbitrantur. Conf. 26. quaest. 5. cap. 12. (2) Qui Magicis falsitatibus in grandinandis tempestatibus credunt... sciant se Fidem Christianam, & Baptismum praevaricare. Conf. 26. quaest. 7. cap. 16. (3) Refere este Canon Beveregio no primeiro

se com muitos lugares do anti-
go Penitencial Romano , que
admittir , e crer na sua valida-
de he culpa , que se deve dete-
star (1).

Se quizesse entrar no exame
de

meiro tomo da sua Obra intitulada *Pandectae Canonum.*

(1) Eis-aqui o que do Penitencial des-
creve na sua Collecçāo Burchard , Bispo de
Wormes , em o livro 91 . *Credidisti , aut par-*
ticeps fuisti illius credulitatis , ut aliqua foemina sit , quae per quaedam maleficia , & in-
cantationes mentes hominum permutare possit , id
est , aut de odio in amorem , aut bona homi-
nūm in fascinationibus suis aut damnare , aut
subripere possit ? Si credidisti , aut particeps
fuisti , annum unum per legitimas ferias poeniteas . Credidisti , ut aliqua foemina sit , quae
hoc facere possit , quod quacdam a diabolo de-
ceptae se affirmant . . . cum daemonum turba
in similitudinem mulierum transformata , quam
vulgaris stultitia boldam vocat , certis nocti-
bus equitare debere super quasdam bestias , &
in eorum se consortio , adnumeratam esse ? Si
particeps fuisti illius credulitatis , annum unum
per legitimas ferias poenitere debes .

de quanto escreveram os Padres , e Doutores da Igreja , claramente provaria , que todos julgáram extinta a Magia com a vinda do Salvador. Naõ omitto que S. Irineo , fallando de hum Magico do seu tempo , chama imposturas aos encantos , e embusteiros aos que os fazem (1). Tertulliano põe a Magia por socia da Astrologia (2); e S. Cypriano chama aos prestigios dos Magicos loucura do vulgo crédulo (3) . Assim os nomea Eusebio em muitos lugares , accrescentando que os Magicos saõ velhacos (4). S. Joao Chrysostomo detestou os incu-

(1) S. Iren. lib. 1. pag. 1. (2) Tertul-
de Idol. c. 9. (3) S. Cypr. de Idol. vanit.
(4) Euseb. Praep. l. 3. c. 3. & l. 4.

incubos , e succubos ; e numeroü entre as fabulas os Spectros , e as Feiticeiras (1). S. Gregorio Nazianzeno tem os encantos por disparates , e imposturas (2). S. Clemente Alexandrino , Theophilo (3), Arnobio , S. Athanasio (4), S. Jeronymo , S. Basilio , S. Ambrosio , S. Epiphonio (5), S. Joaõ Damasceno , e S. Ignacio Martyr , que viveo , e praticou com os Apostolos , foram uniformes no conceito , que fizeram sobre a impotencia da Magia. Quanto ao que se deve entender dos Magos de Pharaó , que convertêram as varas em serpentes , e da Pythonissa

(1) S. Joan. Chryf. t. 4. & 11. (2) S. Greg. Naz. in Exam. tom. 6. (3) Na sua Epist. traduzida por S. Jeron. (4) S. Ath. Incarn. l. 1. (5) S. Epiph. Haer. 21.

nissa , que revocou dos infernos
a alma de Samuel , e outras mui-
tas coufas , que se acham nas Es-
crituras , lêa-se o Conselheiro
Grimaldi (1), o Marquez Maf-
fei (2), e o douto Joaõ Rinal-
do Carli (3), os quaes indagá-
ram , e escrevêram neste ponto
com summo criterio , o que eu
deixo por brevidade .

Por tanto naõ ha Arte Ma-
gica . Saõ enganos as maravi-
lhas , que se attribuem aos Fei-
ticeiros , tendo por causa , ou
a Natureza , ou a Fabula , ou
a Imaginaçao . Devemos , pois ,
desprezar a crença de huma Ar-
te embusteira , naõ fundada nas
fantas

(1) Grimald. na Dissert. sobre as tres
Magias. (2) Maffei nel terzo lib. dell' Ar-
te Magic. Ann. (3) Carli nella lett. al
Tartar.

santas Escrituras , convencida de falsa pela razaõ , opposta dire-
etamente aos Canones , e aos Padres ; e contraria ao espirito da pura Religiao , em que por singular ventura de quem defendendo , e escrevo . Se he fabuloſo o delicto , se naõ existe hum tal crime , como podia Cecilia Faragó (criminada de fortilegios (1) pelo Tribunal por ignorancia de termos) ser justamente processada pela culpa de dar feitiços ? Que Magistrado Filoſofo naõ convirá ser indecoroso á sua authoridade inquirir judicialmente destas patranhas do vulgo , e fazer dellas volumofos Autos ? Este delicto , fendo puramente
fanta-

(1) Sortilegio he a Arte de adivinhar por meio de fortes.

fantastico , e ideal , deve ser curado com o elléboro , e he da quelles que se extinguem com o desprezo . Se os Tribunaes quizerem castigar as miserias mulheres , que estragáram o cérebro nos desvaríos da Magia , adquirirá esta illusão credito nos animos das gentes , e ver-se-ha numerosa multidaõ de seus desacordados , e nescios sequazes .

C A P I T U L O II.

No qual se mostra , que o Sacerdote Ferrajolo morreo por causa natural.

Ainda que possivel fosse ofender , e tirar a vida por Arte Magica , Cecilia Faragó está

está innocent; porque o Sacerdote D. Antonio Ferrajolo, que se affirma morrêra por maleficio, acabou naturalmente a vida com huma tisica, motivada pela impericia de dous Medicos assistentes. Mostrarei esta verdade pelas suas proprias deposições. Veja-se, e attente-se bem o que depozeram, e o methodo, com o qual procuraram curar o enfermo os Fysicos D. Pedro Garcea, e D. Pompeo Cundari, juntamente com outros. Depõe Garcea, que em Setembro de 1768 se sentio Ferrajolo *com bum pezo no ventriculo, inapten-
cia, sem beneficio da natureza,
com vacillações na cabeça, e febre.* Applicou-lhe *bum brando mi-
norativo, ou purgante, com que
alcan-*

alcançou algumas melhoras; mas taes, que em poucos dias lhe tornou o mesmo. Desta sorte julgou proceder a molestia de humor viscoso no ventriculo, e por isso ser necessario remedio, que *desfizesse*, e *precipitasse*, pelo que se determinou a dar-lhe por dez dias a *gomma Ammoniaca*, o *magisterio de Marte*, e os *pós estomacaes de Quercetano*. Grandes remedios! Confessa o mesmo Garcea, que tomando taes remedios lhe *sobreveio humma tosse secca*, que o provocava a vomito depois de caminhar; e de sorte que muitas vezes lançára o alimento. Isto naõ obstante depõe que proseguirá em lhe fazer usar de remedios *retundentes*, ordenando o *magisterio da madre*

*dre perola, olhos de caranguejo,
e o cordeal confeição; e diz mais,
que continuando o Padre estes
remedios, entrára a sentir esti-
mulos no isophago, e na trachea,
o que naõ obstante lhe aconse-
lhau continuar os sobreditos me-
dicamentos.* Procurando depois
desculpar o seu methodo perni-
cioso, diz, com manifesta cons-
tradicção: *que ainda que D. An-
tonio tivesse mostrado alguma me-
lhora, a doença prosseguia com di-
versas apparencias, e entaõ com
vomitos de huma materia viscosa.*
A vista disto assentou com o pa-
recer de Cundari, e de outros,
*que a molestia procedia do esto-
mago; e ordenáram o sal tarta-
ro vitriolado, como muito proprio,*
e incisivo; porém ingenuamente
confes-

confessa , que destes medicamen-
tos se naõ seguirá melhoria. Isto
naõ obstante , diz mais , que con-
viéra com outro Fysico , chama-
do D. José Dardano , que o mal
provinha do estomago , pelo que
lhe applicáram o específico esfo-
macal de Pedro Poterio ; mas que
o Padre o naõ tomára por naõ
estar em estado de digerir , e além
disto enfastiado , fraco , e affligi-
do com tantos remedios. Depois
de ter reduzido o doente a esta-
do taõ lastimoso , diz o mesmo
Garcea , que lhe fora commettida
a elle só a cura do enfermo , isto
he , de o lançar na sepultura ,
como logo veremos. Prosegue ,
que naõ cedendo o mal , se quei-
xava o Padre de huma grande
hypocondria , de assombramentos de

G cabeca ,

cabeça , e de naõ poder engolir , por ter a garganta offendida. Assentou entaõ (que juizo !) que o mal naõ só residia no estomago , mas que se tinha introduzido no sangue (1). Creo ser conveniente applicar-lhe , em tal estado , remedio mais vehementemente , qual he o aço , que lhe fez continuar por quinze dias. He digna de louvor a sua ingenuidade : depõe que , depois de huma tal cura , a doença , em vez de ceder , avançava , e o doente passo a passo emmagrecia. Declara , que observando os effeitos de huma tal queixa , para elle singular , naõ pôde determinar (explicasse elle baptizar) a sua natureza. Sobreveio entretanto ao Padre

(1) Havia hum seculo que o estava.

dré o salivar materia lymphatica, e viscosa, e emmagrecer de sorte, que só tinha péle, e ossos. Fizeram-se-lhe os olhos transparentes; e depois de gastar tempo em rodeios, diz Garcea, que D. Antonio Ferrajolo dera a alma a Deos, o que era de necessidade depois deste metodo curativo.

Prosegue-se na sua deposição, dizendo, que junto com o Medico D. Nicolão Barbiero observaram, na presença do Governador de Soveria, o cadáver do defunto, e que o viram seco, com a carne branca, e flexível em todas as juntas do corpo; e declara, que por este phe-nomeno não pudéram fazer juizo sobre a morte de Ferrajolo.

G ii (nem

(nem lhe conhecem o mal depois de morto.) Tinham primeiramente deposito, ante o referido Governador, que *da flexibilidade do corpo*, observada no defunto, se viam surprendidos. Dando finalmente o seu parecer sobre a qualidade da morte, afirmam poder esta provir de causa natural, de malefício, ou de causa preternatural.

Pela inteira deposição do Doutor Fysico Garcea, e Cundari, se pôde estabelecer, que se todos os accidentes, que acompanharam a doença, de que faleceo o Padre Ferrajolo (accidentes, que tão estranhos pareceram a estes Medicos) fossem vistos, e considerados, não digo eu por algum Sabio ornado dos

dos altos conhecimentos, que constituem o verdadeiro Professor de Medicina , e que Hippocrates descreve em muitos lugares ; mas por qualquer que pouco tivesse praticado nos Hospitaes , conservaria ainda o desgraçado defunto aquella vida , que duramente lhe arrancáram dous Doutores. Então lhes seria claro que a enfermidade , além de provir do estomago , era huma corrupta tisica hypocondriaca , produzida pelas causas commuas , e ordinarias , na qual se podiam esperar melhoras ; mas antes que o mal contaminasse os orgãos consideraveis , e principaes. Se estes Fysicos não quereriam incorrer nas penas , que comsigo traz a ignorancia , deviam deixar

xar de nos dizer em suas depo-
sições , que o Padre estava *hypoc-*
ondriaco , cheio de tosse , em ex-
tremo magro , e secco , com dores
nas fauces , e aspera arteria , e
finalmente febricicante . Era do
seu dever naõ ignorarem , que a
hypocondria no homem , assim
como o mal hysterico nas mu-
lheres , he huma affecção nervi-
na , que tem por assento a reli-
giaõ inferior do ventre , pelo
que os homens , que a padecem
faõ em extremo sensiveis , e ir-
ritaveis ; e deviam saber , que se
o Medico astuto brandamente re-
gula esta molestia familiar , quasi
nunca he de funestas conseqüen-
cias.

Naõ era huma prova da hy-
pocondria exaltada a difficulda-
de

de na evacuaçāo das fezes intestinaes? Quem naõ yê que pela espasmodica contracçāo se diminuiam os intestinos no seu diametro, e que embaraçado o movimento peristaltico, naõ podiam sahir as fezes? Além disto fechados os orificios dos ductos excretórios glandulosos, com a mesma contracçāo se constituiam as fezes aridas mais ineptas ao movimento.

Desordenado com tantas digestões o mecanismo das entradas, que fazem, e servem ao cozimento, era natural accumularem-se as materias acres, e viciosas, e provocarem vomito. Offendidas, pois, as entradas chylificavam hum sangue impuro, e pouco apto á nutriçāo, e daqui

daqui procedia a magreza , e corrupçāo.

Quem sabe da composiçāo dos vasos , e da circulaçāo dos liquidos , percebe claramente o damno dos bofes , que estes Fysicos nos relatam ; porque o chylo naõ sendo delgado , e correto , e devendo , antes de ir ás demais entranhas , entrar nos bofes para receber aquelles dotes , que fazem o sangue homogeneo , e proprio á nutriçāo , necessariamente havia de excitar na tenra pulmonar substancia , unindo-se com ella , os mesmos estimulos que moveo no estomago . Eis-aqui , pois , o vomito da tosse *com calor , e ardores* , pela communicaçāo da trachea com os bofes ; e eis-aqui tambem a febre
habi-

Habitual, e o demais. Naõ encontro entre os symptomas indicados hum só que naõ possa proceder da constituiçao hypochondriaca do Padre Ferrajolo.

Declararam mais os Medicos, que naõ sabendo como deviam baptizar esta enfermidade, applicáram ao Padre muitas, e diversas bebedas, mas que sempre fora empeorando com este curativo. Que esperança podia haver de huma cura, que tinha por base a ignorancia da causa, da natureza, e da situaçao do mal? Esperavam vantagem dos incisivos amargosos, da gomma, e do magisterio de Marte, applicados a humas fibras tefas, e aridas, com os quaes remedios se contrahiam, e encurvavam?

Naõ

Naõ podiam os incisivos resol-
ver, e mover os humores, sem
irritar as partes que os conti-
nhám. Pessima he a Medicina que
augmenta a causa da enfermi-
dade.

Se eu naõ temesse ser argui-
do querendo fallar como Pro-
fessor de huma faculdade, que
posto a estudem os que seguem
a Advocacia criminal, naõ he
com tudo propriamente minha
em todas as suas partes, mostra-
ria áquelles Fysicos, que me-
thodo deviam seguir, segundo
as leis da Arte; e que a fibra
tesa devia ser abrandada, e a
materia viscosa attenuada só com
diluentes, mas naõ com força,
e constrangimento. Mas se dei-
xo em silencio este ponto, devo
quei-

queixra-me da portentosa igno-
rancia de dous Medicos , que
chamados para observar o cada-
ver do Padre , que morreu tisí-
co , como bem claro está , ven-
do-o flexivel em todas as jun-
tas do corpo (1) , se enchêram
de espanto com este phenomeno,
e o julgáram sobrenatural. Que
loucura he esta ? Os cadaveres
dos tificos tem os olhos vivos ,
o sangue naõ endurecido , e as
juntas flexiveis fóra do uso (2).
Eu que mediocrementre me in-
strui nas leis da Medicina , vi ,
e observei no Hospital dos In-
curredos

(1) Os Fysicos saõ taõ ignorantes atē dos vocabulos da Arte , que em vez de dizerem *flexivel em todas as juntas do corpo* , dizem *flexivel em todas as partes do corpo*. (2) Léa-
se sobre isto Morgani de caus. & sedib. morb.
per anat. indagatis.

curáveis, mais de doze com os referidos phenomenos ; e ahi mesmo ouvi de hum grande Professor, que assim ficam os cadáveres dos tificos.

São tambem indignos de perdão por naõ abrirem o corpo, e observarem em que parte estava o mal que naõ conhecêram. Nem se pôde dissimular a grosseira ignorancia até da Osteologia , depondo na presença do Governador, que hum osso de cordeirinho, que se achára em casa da viuva , destinado para botões , era de algum menino ; e de sorte os enganava a sua impericia , que o determinavam pelo que chamam *radio* (1). Ainda que fossem adestrados por algum sábio,

(1) Nos Autos folh. 98.

bio, seriam desmentidos na presença do Ouvidor de Elia, só com dizer-lhe, que naõ conhecêram se aquelle osso era de homem, ou de animal (1) Em tudo mostram grande ignorancia, e que delles se falla no livro da Sabedoria, cap. xii. (2).

Para accusar os douos Fysicos, réos na morte de Ferrajollo, basta o que elles mesmos despozeram de naõ terem conhecido a doença do enfermo, sem embargo do que, enhêram o miseravel Padre de potagens fortes, *retundentes*, e em grande copia. Devem ser castigados com a pena prescripta pela Lei Aquilia,

(1) Nos Autos folh. 110. (2) *Exborruisti eos, Domine, quoniam odibilia tibi faciebant per medicamina.*

lia , na qual , entre outras culpas , está expressa a da ignorancia do Medico , com estas palavras : *Imperitia quoque culpae adnumeratur , veluti si Medicus ideo servum tuum occiderit , quia male eum secuerit , aut perperam ei medicamentum dederit* (1) . Aquelle *perperam* vale *imperite* , *temere* , *inconsiderate* , conforme a intelligencia de Arnoldo Vinnio . A ignorancia per si naõ he culpa , mas he , e grande , quando se dá no que exercita Faculdade que requer sciencia (2) . Dizia Cassiodoro , que offendre a saude do homem era culpa igual

(1) Inst. de leg. Aquil. §. 1.

(2) L. 9. §. pen. l. item queritur. 13. §. 6
gemma §. locat. l. 5. servum 27. §. si cali-
cem 29. ff. de t.

igual ao homicidio (1). Plinio chamou delicto capital á ignorancia dos Medicos (2). Do referido creio eu , (e sem exagge-
rar) que devem ser castigados os dous Doutores , porque com a ignorancia matáram o Padre Ferrajolo.

Como o Padre , que acabou tifico , morreu ás mãos dos Medicos , naõ devem ter credito as deposições destes , por serem sem criterio , e porque buscáram en- cobrir com a figura de maleficio os seus erros reprehensiveis , e grosseiros. Mostrarei demais , que pelas suas mesmas deposições se prova , que o Padre naõ morreu enfeitiçado.

Depõe

(1) Cassiod. lib. 6. variar. inform. Comi-
tis Archiatr. (2) Plin. lib. 29.

Depõe os dous Fysicos , que , segundo o seu juizo , a doença do Padre Ferrajolo podia pro vir de causa natural , ou de maleficio . Digam-me os Conegos a qual das duas causas querem nesta dubiedade attribuir a morte do Padre . Antes que me respondam , attendam por hum pouco ao grande Pontifice Benedicto XIV , cuja authoridade me desvanece de que os ha de emmudecer .

Ensinou aquelle grande Homem , que se deviam attribuir á natureza , e naõ á força sobrenatural , os effeitos , que podem resultar de huma , e outra cau fa . Eis-aqui as suas palavras : *Pro regula jam statutum sit non esse miraculo adscribendum quidquid per*

per naturæ vires potuit obtineri.

(1) Esta segura regra he filha de elevada Filosofia, regra que diariamente se ensina por todos os Professores de Metafysica. Se isto naõ basta para justificar a morte natural do defunto Sacerdote, devem render-se inteiramente os Conegos, advertindo que D. Ignacio Larussa, que foi chamado dias antes da morte, e lhe receitou muito, observando os symptomas do mal, assevera, que *naturalmente procedéra*, e com dores, que acompanham semelhantes doenças; e diz, que naõ julgava poder-se attribuir a morte a outra causa, que naõ fosse a natural, e

H ordi-

(1) Bened. XIV. de Servorum Dei Beatificie. lib. 4. part. 1, cap. ult. §. 24.

*ordinaria , que costuma acontecer
ao commum dos homens , soprendi-
dos de tal enfermidade. O igual
parecer de dous Fysicos se de-
streou com o deste Medico , pelo
qual se prova que das duas cau-
sas natural , e de maleficio , so-
bre cuja escolha se naõ soube-
ram os outros determinar , he só
a natural a que matou o desgra-
çado Sacerdote.*

C A P I T U L O III.

*No qual se mostra qual seja o es-
pirito das Leis , que punem os
Magicos , e quam calumnioso to-
do o Processo.*

SOAM nos meus ouvidos os discursos dos estimulados Conegos , oppondo-me o Rescripto

to de Adriano , que diz: *In maleficiis voluntas spectatur , non existens* (1). Seja vã , dirão elles , e inefficaz a Magia , porque he huma Arte sonhada , incapaz de obrar maravilhas em damno dos homens : tenha sido muito embora a morte de Ferrajolo natural , e procedida de tisica : castiguem-se os Medicos , que por ignorancia o matáram : he com tudo Cecilia Faragó ré convencida na informaçāo Fiscal , (crem os imprudentes naõ haver dúvida nisto) por ter procurado os pós para enfeitiçar , praticado na Igreja gestos , e tregeitos magicos , e ameaçado muitas vezes o bom Padre com maleficios , tentando dar-lhos por todos os

H ii cami-

(1) Dig. ad Leg. cor. de siccari. 14.

caminhos. Naõ faltou a Cecilia vontade de matar Ferrajolo , e quantos Sacerdotes se achavam em Soveria , e se naõ conseguiu o seu máo fim , foi por impotencia da Arte Magica , e naõ por lhe faltar o desejo que teve , e conservou. Se faltou o feito , deve ser castigado o pessimo animo , e clara he a Lei que o prescreve.

A pouca pratica que os Conegos tem das Leis Romanas , he quem os moveo a tomar por escudo o Rescripto de Adriano , muito mal entendido. He preciso saberem que o termo *malficio* , tanto no Codigo , como no Digesto , equivale a *delicto*. Assim se encontra , por exemplo , no titulo das Obrigações , e Accções

Acções (1), ex maleficio obligari, & quasi ex maleficio teneri, em lugar de ex delicto, & quasi ex delicta; e no livro dos Juizos, si res ex contractu veniat, non ex maleficio, isto he, non ex delicto. Achar-se-ha em qualquer Jurisconsulto, que se lêa, que este termo se toma nesta accepção. Transcreverei a definiçāo, que traz Hugo Donello em os Commentarios (2), o qual com clareza examina o seu valor, mostran-

(1) Lib. 5. §. 1. 2. 4. 5. & ult. Dig. de O. & A. (2) *Maleficium est delictum, & peccatum: quae appellations hoc differunt a crimen, quod species a genere. Delictum enim & peccatum genus, turpe admissum omne, quo alteri male fit, unde maleficīi nomen...* E pouco depois: *Maleficium est species delicti, qua peccatur adversus alios; neque id quovis modo, sed qua sit aliis male, ut compositio, & origo verbi satis indicat, id est, qua nocemus*

mostrando com as Leis, que o animo só naõ pôde constituir malefício. O Rescripto de Adriano, que está no titulo *ad Legem corn. de sicariis*, no qual se falla de tudo, excepto de malefícios, quer geralmente advertir, que o facto desacompanhado de maligno

E detrahimus alteri. E no mesmo lugar; *E*st autem, ut ante dixi, maleficium factum omne, quo nocetur, detrahitarque quid alteri, ut enim benefacere dicimur; quum facto nostro alii possumus, ita malefacere, quum facto nostro alii nocemus. Quia ex definitione illud etiam intelligimus, *E* si quod factum nostram instructum sit ad nocendum alii, nisi tamen eo evaserit, ut noceret nullam ex eo, tamquam ex delicto adversus non esse actionem. Finge constituisse aliquem mihi injuriam facere, neque constituisse tantum in hac cogitatione, sed consilium ad rem conferentem adhibuisse qui mihi convicium faceret; si id factum non sit, placet, eum quidem, qui sumfit, mihi teneri. *I.* item apud §. 6. curavit, *ff.* de injur. Et quod hic in hac specie dicitur, in omnibus aliis similibus intelligendum est.

ligno pensamento se naõ deve reputar criminoso , e por consequencia naõ he malefício , e delicto. Desta mesma maneira escreve o Jurisconsulto Paulo , no quinto livro das Sentenças , que nos réos *consilium uniuscujusque , non factum puniendum est* , isto he, o facto nú , e sem perverso animo , naõ merece pena alguma ; mas naõ diz que deva castigar-se o pensamento per si só , quando lhe falta a execuçāo , porque isso seria destruir a regra de Direito , que anda na boca de todos : *cogitationis pænam neminem pati* (1).

Malefício quer dizer delicto. Houve nos tempos de Constantino Magno taõ grande opiniao de

(1) Lib. 18. ff. de pœnis.

de Magia , e taõ grande numero de infentatos , correndo huns atraç dos outros a obrar impiedades , que o povo tomou este termo *maleficio* , para significar (*Katécschen* se explica o Grego) aquella culpa taõ ordinaria , e commua. Os Padres seguíram os vestigios da linguagem popular , e concordemente usáram daquelle termo para significarem todos os erros dos Magicos , como he indubitavel a quem lê a Historia Ecclesiastica.

Estou prevendo que o douto Advogado dos Senhores Conegos me argumentará desta maneira : Vós dizeis que naõ punem as Leis o pensamento só , nem neste , nem em outro qualquer delicto ; e sustentais que a

Magia

Magia naõ seja habil a produzir effeito algum : ninguem põe em questaõ se ha Leis , que castiguem os réos da Magia , porque se lem em letras maiusculas no Codigo , titulo de *Maledictiis , & Mathematicis , & caeteris similibus*. Para que saõ entaõ estas Leis ? Naõ saõ para castigar os effeitos da Magica ? Porque dizeis que se naõ dá ? Naõ saõ para punir os perver-
foss pensamentos dos que inutilmente a querem pôr em obra ? Porque affirmais naõ ter pena per si só o pensamento ? Dizei-me : Naõ he isto , pois , illudir as Leis ? Assim interpretadas como poderáõ ter a sua devida execuçã?

Poderia responder a taes ob-
jecções ,

jecções , que impondo-se naquelle titulo do Codigo , penas, entre outros delinquentes , contra os Mathematicos (1), se mostra haver nelle Leis dos seculos escuros , e ignorantes , ás quaes se naõ deve observancia nestes illuminados. Se eu me contentasse só com esta razaõ , e costume , me accusariam os instruidos nas Antiguidades Romanas , de ignorancia , e ociosidade , omittindo examinar que delictos commettiam os Magicos , que com tanta severidade se castigavam , e que relaçao , e semelhança tinham com os maleficios , de que foi accusada a nossa

(1) *Artem Geometriae discere , atque exercere publice interest. Ars autem Mathematica damnabilis est , & interdicta omnino. Leg. 2. cap. de Malef. & Mathem.*

nossa cliente. He de advertir que os que professavam a Magia , nos seculos do Paganismo , tinham por instituto desenterrar os cadaveres nos maiores horrores da noite , e fazer delles usos nocivos ; e o que ainda he mais detestavel , costumavam tirar as entranas a hum menino vivo , e lhe separavam o coraçao , o figado , e o baço , tendo-o antes maltratado impiamente , por muita parte da noite , com varios , e crueis modos. Lemos em Lampridio , que o inhumano Helio-gabalo , o qual perdia o sonno atraç das loucuras dos Magicos , se deleitava muitas vezes em ver , e observar as entranas dos meninos , *exta puerilia*. Tambem lemos em huma Epistola de S.

Diony-

Dionysio ; Bispo de Alexandria (1), que o Imperador Valeriano fora aconselhado dos Magicos, que para concluir alguns estultos designios sacrificasse com encantos meninos recem-nascidos. Será de honra immortal a este meu discurso transcrever o que das impiedades dos Magicos ajuntou o grande Marquez Maffei , na sua *Arte Magica Anniquilada* (2). Diz assim : » Eram » os Professores da Magia gen- » te vil , e malvada , e que naõ » buscavam , e tentavam sómen- » te grandes enormidades , mas » as commettiam. Matavam com » diversos , e inauditos modos , » procu-

(1) Refere Eusebio esta Epistola na sua Historia. (2) Maffei nell' Art. Mag. Ann. l. 1. cap. 5.

» procurando á força de horri-
» bilidades , que fossem acredi-
» tadas as suas mentiras. Te-
» mos em Horacio huma descrip-
» ção particularizada , com a
» qual se põe á vista huma das
» maneiras , e fórmas pratica-
» das (1). Trazem as Feiticei-
» ras , ou Magicas , como outros
» lhe chamam , hum innocenté
» menino preso , rompem-lhe a
» pretesta , e a insignia de no-
» bre , para delle fazerem sa-
» crificio aos infernos. Juntam
» muitas couzas estranhas , en-
» tre as quaes saõ as penas do
» nocturno passaro , chamado
» *Strix*. Huma dellas abre a co-
» va , na qual mettem este infe-
» liz menino , estendido de for-
» te ,

» te que o anterior da cabeça,
 » e corpo lhe fique de fóra.
 » Enfraquecem-no , e debili-
 » ta.n-no por longo tempo , che-
 » gando-lhe perto da boca va-
 » rias sortes de manjares ; e
 » quando está já espirando o a-
 » brem , e lhe tiram o figado ,
 » e as demais entranhas. Servia
 » tudo isto para compor huma
 » medicina amatoria , em ordem
 » a que Canidia tornasse a ser
 » buscada do seu galan , que a
 » deixára. Advirtamos , que Ho-
 » racio falla nesta occasião dos
 » Napolitanos , descrevendo-os ,
 » segundo saõ hoje , crédulos
 » nos enganós da Magia , e de
 » carácter ociosos.

*Et otiosa credidit Neapolis
 Et omne vicinum oppidum.*

Pro-

Prosegue o louvado Maffei.
» Temos no conciso Diaõ , que
» Didio Juliano matára mui-
» tas crianças para fazer en-
» cantos ; e que Avito juntava
» por Arte Magica meninos ; para
» delles fazer crueis sacrificios.
» Lemos em Eusebio (i) , que
» Maxencio coroára as suas mal-
» dades com a Magia , ora a-
» brindo as mulheres pejadas , ora
» examinando entranhas de crian-
» ças , e obrando outros feitos
» nefandos , para invocar os de-
» monios. Sparciano escreve ,
» que tivera Juliano *bæc amen-*
» *tia* , *ut per Magos pleraque fa-*
» *ceret*. Que fosse este o seu in-
» tento se vê na Tripartita de
» Cassiodoro , pois nella se lê ,
» que

(1) Euseb. lib. 7. cap. 10.

» que as suas feiticerias , depois
» da sua morte *compertae sunt.*
» Em hum Templo da Cidade
» de Carra , no qual secreta-
» mente tinha entrado , se achou
» o cadaver de huma mulher ,
» pendurado pelos cabellos , cu-
» jo ventre tinha sido por elle
» aberto ; *ut Persarum victoriam*
» *in jecore ejus inspiceret.* Em
» Antiochia se acháram no seu
» Palacio muitas caixas *cheias*
» *de cabeças humanas , & innu-*
» *mera in puteis demersa corpora*
» *mortuorum.* » Este genero de
Magia he que as Leis puniam ,
e naõ os feitiços executados com
os versos de Babylonia. Casti-
gavam-se as enormes maldades ,
que se commettiam na pratica
daquella Arte.

Desta

Desta indole saõ , e eram os Magos , contra quem está escrito no Codigo de Theodosio (1). *Hos quoniam naturae peregrini sunt feralis pestis absumat.* E se nas XII. Taboas se põe pena áquelles, *qui alienas fruges excantassint* , o que parece entender-se só dos encantos de palavras , Seneca nos adverte , que no seu tempo se despresava huma Lei tão irrationavel , e insipida : *Rudis adhuc antiquitas credebat* , (diz elle) & attrahi imbræ cantibus, & repelli , *quorum nihil posse fieri tam palam est* , ut hujus rei causa nullius Philosophi schola intranda sit. Não sem maravilha vejo cahir na erronea credulidade do poder dos encantos ao
I enge-

(1) Cod. Theod. de Mal. l. 5.

engenhoſo Antonio Mattheus (1), cego da excessiva veneraçāo das XII Taboas. Digam-me agora: em que livro se encontram as Leis, que punem os feitiços de hoje, com os quaes suppōe os crédulos, que o Magico murmurando certos numeros, e versos, e juntando differentes herbas, possa matar a quem quizer? Em que lugar do Codigo criminal está escrito, que se castiga nas feiticerias só o malvado pensamento?

Se em lugar dos luminosos tempos, em que vivemos, correm os infelices, nos quaes se tinham por oraculos as Dispoſições do Jesuita Flamengo Marti-

(1) Matth. de crim. com. ad lib. XLVII.
Dig. tit. II. cap. I.

Martinho Del-Rio ; tempos , em que se lia com gosto , quanto sonháram Nicoláo Remigio , Jo-
aó Nider , Nicoláo Jacquerio , e mil outros , igualmente fo-
phistas que fanaticos , pouco es-
peraria a minha cliente ; mas
hoje tem a miseravel accusada
razões para crer que o Magi-
strado , que ha de rever esta cau-
sa , confirme o decretado na Audi-
encia , e ponha freio á maldade
da accusadora , e daquelles ,
que maquinam a accusaçāo , sob-
ministrando dinheiro com mão
larga : taõ grande he o cuida-
do que os move a fomentar a
tristeza , ou a ruina da viuva !
Mostrarei ao supremo Tribunal ,
para complemento deste tercei-
ro capitulo , que dos mesmos

Autos se mostra evidentemente, e de maneira que se naõ pôde duvidar, a indigna calúmnia, que teceram á minha constituinte.

Descobre-se primeiramente nesta fabula perniciosa a falta de causa (1), pois naõ só naõ he grave, e proporcionada ao delicto, de que se trata, mas nem ainda leve. Pertendem que a viuva, pelo odio concebido contra o Clero de Soveria, se determinasse a matar com feitiços

(1) A necessidade de se apurarem nos delictos as causas graves, e proporcionadas ás suas qualidades, se demonstra universalmente por todos os Criminalistas, entre os quais saõ: Zuff. de Crim. Process. legitim. l. 1. q. 66. n. 1. e 2. Major. in opopr. c. 9. n. 16. 161. e 162. Sabell. in pract. uni. V. Sicarii, & Thorus in c. rer. judicat. casu 54. n. 20.

tiços á todos os Sacerdotes , e que principiasse com *sortilegio*, com o qual querem que morrefesse o Sacerdote Ferrajolo. Oh quaõ imperitos , e ineptos devem ser os Senhores Conegos , que com engenho miseravel produzíram taõ futeis pensamentos, e taõ mal fundados ! André Ganneri , filho da viuva , constituiuo seu herdeiro fideicommissario ao Conego Biamonte , e executor do Testamento ao famoso Vecchiti ; estes saõ os que se aproveitáram da herança para o legado de Missas ; estes os que com maõ roubadora usurpáram os bens da viuva , e lhes põe mil obstaculos nos tribunaes , a que recorre obrigada da necessidade : e he crivel que a viuva
se

se encolerize , e encha de odio contra Ferrajolo , e lhe maquine a morte , só por ser hum Sacerdote de Soveria ? Contra os dous Conegos , que lhe tiraram a sua fazenda , e com tanta injustiça , naõ se move , nem se determina a compor pós de malefício ; e vem a fazello contra aquelle , que nunca a ameaçára , nem apparecêra em Juizo , e que era talvez de todos os Padres o que menos a podia prejudicar ? Até carece esta muher das luzes , e sentimentos , que a Natureza vulgarmente reparte ; pois quer matar a todos os Padres do seu paiz com malefício , e trabalha hum anno inteiro contra o que menos lhe devia excitar a colera , e furor.

Que

Que tempo lhe naõ era preciso esperar para effeituar huma taõ grande mortandade ? Póde alguem imaginar que o deixar seu filho hum legado de Missas para o commun dos Sacerdotes de Soveria , possa ser causa grave , e proporcionada para se enfurecer taõ dura , e cruelmente contra Ferrajolo , vivendo tranquilla , e branda , sem se servir de maleficio contra os dous Connegos seus inimigos , e que a reduzíram a morrer de amargura , e colera ? Póde dar-se , ou fingir-se mulher mais nescia do que esta , como na insipida , e inverisimil fabula se representa pelos dous temerarios impostores ? Saõ pilulas estas de tanta grandeza , que naõ haverá gomis-

gomilo , por onde passem.

Vamos ás outras inverisimeis circunstancias , que acompanham a calúmnia. Morreu André Garerri em 1766 , e desde entaõ começa a viuva a ameaçar com maleficios , porque lhe atormentava o coraçao ver os seus bens nas mãos alheas. Passa todo o anno seguinte , e a viuva não só não executa as ameaças , mas nem ainda profere aquellas vozes , que primeiramente lhe ditára o sentido. Passa depois longo tempo , e nada de novo accrescenta. Vem em fim o Setembro de 1768 , e entaõ he que faz compor os pós com malefício , os manda lançar sobre Ferrajolo , e o enfeitiça. Pergunto á authora da querela , e aos

aos que se escodem com a sua capa : por que motivo , depois de hum intervallo de tempo tão consideravel , que per si bastaria a apagar o mais feroz ressentimento , se resolve subitamente a viuva a pôr em execução os seus antigos designios , servindo-se dos maleficios com que ameaçára ? Nem a authora , nem os seus autores saberão responder-me , mas quererão persuadir , que se não deve fazer caso destas minucias. Assim nomearão as minhas reflexões.

Que mal digesta he a fabula , sobre que se fundou a querela ! Pertendem que Cecilia Faragó , estando de joelhos na Igreja , enfeitiçára com o movimento dos beiços , dos olhos , e com

com as orações , que dirigia ao Altar , a Ferrajolo , que cantava ao orgão. Querem persuadir que no mesmo lugar , em que o Padre fôra enfeitiçado , e onde tudo está seguro pelo Pam Eucarístico , se lhe mudára de repente a voz , por effeito do que a viuva obrava. Mas como saõ nescios ! Se he verdade , que Cecilia era taõ provecta na Magia , que podia só com os gestos , e até com os olhos , causar damno na vida de Ferrajolo , como dá por certo a engracada narraçao ter Cecilia buscado em Catanzaro o favor de Anna Scarcello , para que esta lhe compozesse os pós , de que tantas vezes tenho fallado ? Aos inimigos da viuva aconteceo o mesmo

mesmo ; que Marcial refere de huma velha , a qual juntando dous venenos para violentamente matar a hum mancebo , naõ padeceo este , na vida , ou saude , damno algum , por serem os venenos antidoto hum do outro. No Processo se acha , que era voz constante ser Cecilia Faragó huma famosa Feiticeira ; mas no mesmo Porcesso se nos diz , que querendo enfeitiçar , buscára quem soubesse fazer maleficios (1). Em outro lugar do Processo (2) lemos que Cecilia tinha o poder de ir de noite , sobre os ventos , ás nozes de Benevento ; (que bello prazer !) mas no mesmo Processo se assevera , que naõ sabendo compor

(1) Folhas 154. (2) Folhas 182.

compor os pós , buscára Scarcello para os fazer ; ou como suspeita Nicoláo Taverna (1), os mandára a viuva fabricar por hum certo homem , que ganhava sua vida com as viboras , o qual estivera por dous dias em sua casa. Encontra-se em huma parte do Processo , que Cecilia enfeitiçára só com o movimento dos beiços , e com os olhos , a Ferrajolo , como se vio nos effeitos prodigiosos ; mas em outra parte se pinta Cecilia cheia de cuidados , e ancias , procurando quem lance os pós nos vestidos do Padre ; pós que ella comprára.

Observemos como a fatua Rossetti melhora de espaço a espaço

espaço a ordem, e circunstancias da calúmnia. No primeiro requerimento, que faz ao Presidente da Audiencia (1), só diz, que querelava de Faragó, porque publicamente se fallava, que ella fôra a causa da morte de seu filho; mas depois na deposição que fez, ante o Ouvidor Commissario, depõe, *ex causa scientiae*, huma longa serie de factos, que diz foram sempre notos, e claros; e entre elles as maldições contra seu filho, e os Sacerdotes do Lugar. Expõe depois, que da prudencia de Ture, sua vizinha, soubera que Cecilia mataria seu filho com maleficios; e declara, que na sua presença succedêra na

na Igreja a repentina rouquidaõ por maleficios da viuva ; e conta miudamente como algus dias antes de morrer seu filho , mandára por Felicia Jona rogar a viuva para que desfizesse os crueis feitiços. Além de tudo se contradiz Rossetti tambem , quando expõe nas informações apresentadas á Justiça do Lugar (1), que estando seu filho ao orgão na Igreja , ella , que estava presente , ouvira proferir á viuva contra Ferrajolo pragas , e blasfemias , entre as quaes era esta : que mais naõ podesse cantar Missa , daquelle dia em diante : porém na deposição juridica affirma , que presenceára que estando seu filho ao orgão , bulia

(1) Aut. fol. 6. a t.

bulia la viuva com os beiços ,
como quem rezava , mas de ma-
neira que se lhe naõ podia enten-
der palavra (1)

Todo o Processo he hum
montaõ de indiscretas ficções.
Acharam-se em casa de Cecilia
Faragó unguentos , hervas , mi-
neraes , e especialmente hum
embrulho com salsa solutiva ,
outro com pedra hume de ro-
ca , altéa , enxofre , incenso ,
mastruço , e sabina. He isto no
sentir da querelante hum indi-
cio grave do crime de malefi-
cios ; e se crê o uso de tantas
hervas , e unguentos , coufa de
Magia. Os dous Medicos , dc
quem tenho feito honrada me-
moria , examinando os simpli-
ces ,

(1) Autos folhas 63.

ces ; assentáram que a sabina era só propria para fazer *abortionar*, e para outros usos , todos malvados. Eu me naõ maravilho , de que caiam em semelhantes erros , porque tendo-se mostrado ignorantes em coufas trivias da Fysiologia , como podiam ter os miseraveis voto na Botanica ? Podiam aprender por qualquer Author desta Faculdade , que a sabina he huma planta calida , secca , aperitiva , e que adelgaça , a qual sim tem muitas vezes feito sahir o feto , mas a sua virtude principal he excitar o menstruo , curar as enfermidades que provém da crassidão dos humores : e podiam aprender de Boerhaave , que tem virtude para matar as lombri-

lombrigas. O uso innocent dos outros simplices he taõ trivial , que até o naõ ignoram as mulheres. A falsa solutiva saõ huns pôs feitos de falsa parrilha , folhas de sene , e outras : o seu mesmo nome a declara purgativa. A pedra hume de roca he boa para as ex crescencias , que vem ás palpebras ; para as molestias da boca , e dos ouvidos (1). A altea he planta emoliente , que serye para os ardores da ourina , para a pedra , e para os humores acres , e corrosivos (2). O mastruço tem as fementes , e folhas calidas , cheias de acrimonia , e que por este motivo alimpa , abre , e a-

K delga-

(1) Dioscorides lib. 5. cap. 12. (2) Lemuris delle Droghe.

delgaça , e se usa muito nos tumores do baço , e no escorbuto. Creio ser superfluo fallar do incenso , e do enxofre , de que todos fazem mil usos. Como saõ pois estes simplices só proprios para maleficios ? Nunca veio á cabeça do fatuo Jesuita Martinho Del-Rio , Author de immensas puerilidades , nas suas Disquisições Magicas , hum pensamento taõ insulso.

Antes de finalizar este meu discurso , naõ deixarei em silencio , que a Audiencia de Catanzaro mandou , que se tirasse nesta causa informaçao sobre a verdade dos factos (1) , e além disto ordenou com especialidade que

que se devassasse (1) da calúmnia , de que a viuva se queixára. Apresentou a desgraçada em Juizo as suas instruções ; pedio , e esperou o cumprimento das ordens ; porém o Ouyidor Commissario , a quem se commetteo a execuçaõ , illudido pelo Procurador charlatam , naõ deo execuçaõ ás ordens , a que promptamente devia obedecer , nem examinou huma só testemunha de quantas offereceo a minha cliente. Em fim , tem commettido taõ grandes nullidades , que nem a vehemente eloquencia de Demosthenes fería bastante a desculpallo. Outras mais nullidades exporia , e em particular a que

o Qu-

o Ouvidor commetteo naõ examinando a numerosa copia de testemunhas , citadas á instancia de Victoria Rossetti ; mas tudo omitto por brevidade.

He muito impudente , e desaforada a impostura maquinada contra a viuva. Accusáram-na de hum crime , que nem houve , nem se pôde dar. Quizeram persuadir que Ferrajolo , que morreotílico , acabára por malefício ; e fabricáram hum Processo , cumulo na verdade de malvadas mentiras. Trasluz por toda esta causa a misera innocencia opprimida. Naõ he tudo o que acabo de expor hum grande motivo para crer , que o Tribunal superior punirá a facinorosa accusadora , e juntamente os dous Medi-

de Cecilia Faragó. 149

Medicos, matadores de Ferrajo? Não devo esperar tambem, que dará prompta, e saudavel providencia na oppressão da affligida viuva?

Napoles 26 de Março de 1770.

José Rafael.

as Cetina's Hymn, 140
Medicos, mestugores de Tlatus-
co; Ning' devo' objecto' tam-
po' dho' dho' dho' dho' e tui-
doso! provincias no obbligare
as sufficiens animas

Indios de Mexico de 1720.

Rafael

